

Sobre a origem histórica dos “prefixos relacionais” das línguas Tupí-Guaraní¹

Sérgio Meira

Museu Paraense Emílio Goeldi, Radboud Universiteit Nijmegen

Sebastian Drude

Max Planck Institute for Psycholinguistics

Entre os fenômenos gramaticais mais frequentemente descritos das línguas da família Tupí-Guaraní estão os prefixos relacionais, analisados como componentes de um sistema que marca a contiguidade ou não-contiguidade entre um termo dependente e o termo do qual este depende. No presente artigo, examina-se a questão da origem histórica destes prefixos, propondo-se a hipótese (sugerida inicialmente em Moore e Galucio 1994) de que sejam o resultado de alterações sofridas pela consoante inicial da raiz do termo dependente, condicionadas pelo ambiente fonológico e pela estrutura morfossintática em que os termos dependente e independente se encontravam inicialmente. Esta hipótese põe em dúvida a análise sincrônica destes elementos como prefixos.

1. Introdução

Em descrições de línguas da família Tupí-Guaraní (um ramo da família Tupí, composto por línguas faladas em vários pontos da região amazônica, sobretudo no Brasil, mas também na Colômbia, na Bolívia, no Peru, na Venezuela e na Guiana Francesa, bem como, ao sul da Amazônia, no Paraguai e na Argentina), é frequentemente mencionado um conjunto de prefixos, geralmente apresentados como um paradigma, conhecidos como *prefixos relacionais*. Rodrigues (1996) descreve a função destes prefixos como a marcação da contiguidade ou não-contiguidade estrutural (i.e., adjacência dentro de um mesmo sintagma *vs.* não-adjacência ou separação em sintagmas diferentes) entre um determinante e o termo por ele determinado, acrescentando: “o determinante de um nome é o seu possuidor, o de um verbo intransitivo é o seu sujeito, o de um verbo transitivo é o seu objeto e o de uma posposição é o objeto desta”. Cabral (2001) sumariza a função dos prefixos relacionais como sendo: “1. marcar a contiguidade sintática de um determinante com o termo por ele determinado; 2. marcar as relações de dependência que unem sujeito/verbo intransitivo, objeto/verbo transitivo, objeto/posposição e genitivo/nome.” Em trabalhos recentes, Rodrigues e Cabral têm usado os símbolos R^1 e R^2 para “marcador de contiguidade” e “marcador de não-contiguidade”, respectivamente.

Como caso típico, considerem-se os exemplos abaixo, sintagmas possessivos na língua Guajá (subgrupo VIII da família Tupí-Guaraní, na classificação de Rodrigues e Cabral 2002):

¹ Este artigo era originalmente parte de um trabalho maior (Drude e Meira, em prep.). O texto foi redigido por Meira; os dados provieram de Meira (Mawé) e Drude (Aweti); as ideias se originaram em discussões entre os dois autores em várias ocasiões. Um agradecimento especial é devido a Denny Moore, autor da sugestão de um proto-segmento *D para o Proto-Tupi. Agradecemos, ainda, os comentários editoriais de Hein van der Voort sobre a primeira versão deste trabalho. Abreviações usadas neste trabalho: 1, 2, 3 = primeira, segunda e terceira pessoa; C.N = caso nominal; CRF = correferencial; EX = exclusivo; GER = gerúndio; IN = inclusivo; O = objeto transitivo; PL = plural; PMAG = Proto-Maweti-Guaraní; PTG = Proto-Tupí-Guaraní; PL = plural; R^1 = prefixo relacional de contiguidade; R^2 = prefixo relacional de não-contiguidade; R^3 = prefixo de correferencialidade; R^4 = prefixo de determinação (posse) humana genérica; S = sujeito intransitivo; SN = sintagma nominal.

(1) Exemplos de prefixos relacionais em Guajá (Magalhães 2007:17, 130-131, 143)

- | | | | | |
|----|----------------------|-------------------------|----|-------------------------|
| a. | <i>ha=mymý</i> | <i>r-ú-a</i> | b. | <i>t-ú-a</i> |
| | 1=filho | R ¹ -pai-C.N | | R ² -pai-C.N |
| | ‘o pai do meu filho’ | | | ‘o pai dele’ |
| c. | <i>ka’i</i> | <i>Ø-po-á</i> | d. | <i>i-po-á</i> |
| | macaco | R ¹ -mão-C.N | | R ² -mão-C.N |
| | ‘a mão do macaco’ | | | ‘a mão dele’ |

De acordo com a análise relacional, o prefixo *r-* ou *Ø-* (1a, c) marca a contiguidade do termo dependente (possuidor) ao termo independente (possuído). Caso o possuidor não esteja contíguo ao possuído, ocorrerá o prefixo *t-* ou *i-* (1b, d). Em outras palavras, os prefixos *t-* e *i-* não seriam “prefixos de terceira pessoa”, mas marcadores que indicam que o possuidor (na forma de um sintagma nominal ou pronome explícito) não está presente, ou então está em algum outro lugar na oração, fora do sintagma onde se encontra o possuído. Isto implica, curiosamente, que as línguas Tupí-Guaraní possuiriam marcadores gramaticais de primeira e segunda pessoas, mas não de terceira pessoa.²

Prefixos relacionais ocorrem em todas as línguas da família Tupí-Guaraní, quase sempre, como em Guajá, com mais de um alomorfe: *r-* ou *Ø-* para R¹, e *t-*, *h-*, *s-*, *i-* para R² (os quais definem subclasses nominais, discutidas em mais detalhe abaixo, na Seç. 2.2). Este fato permitiu a Jensen (1998) reconstruir o sistema relacional para o Proto-Tupí-Guaraní (PTG), como pode ser visto na Tabela 1.

Tabela 1. Prefixos relacionais em Proto-Tupí-Guaraní (PTG), segundo Jensen (1998:499-500) (c = IPA [ts], č = IPA [tʃ])

	Classe I (R ¹ = *Ø-, R ² = *i-)		Classe II (R ¹ = *r-, R ² = *t-, *c-, *č-)	
Substantivos	*kó	‘roça’ (não poss.)	*t-úß	‘pai’ (genérico)
	*čé kó	‘minha roça’	*čé r-úß	‘meu pai’
	*i-kó	‘roça dele/a’	*t-úß	‘pai dele/a’
Verbos transitivos	*pycýk	‘pegar’	*ekár	‘procurar’
	*čé pycýk	‘pegar-me’	*čé r-ekár	‘procurar-me’
	*i-pycýk	‘pegá-lo/a’	*c-ekár	‘procurá-lo/a’
Verbos intransitivos	*kér	‘dormir’	*ekó ~ ikó	‘viver, mover-se’
	*čé kér-VmV	‘quando durmo’	*čé r-eko-rVmV	‘quando me movo’
	*i-kér-VmV	‘quando dorme’	*c-eko-rVmV	‘quando se move’
Posposições	*cupé	‘para’	*ecé	‘acerca de’
	*čé cupé	‘para mim’	*čé r-ecé	‘acerca de mim’
	*i-cupé	‘para ele/a’	*c-ecé	‘acerca dele/a’

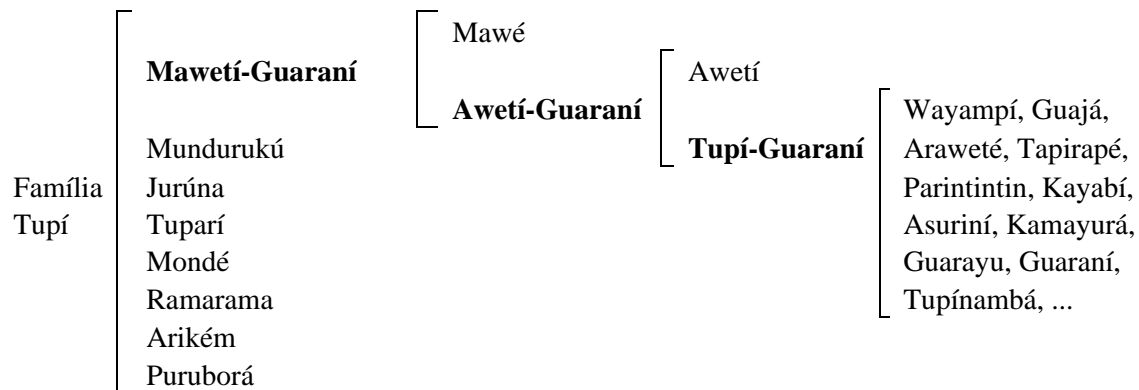
Uma vez que a estrutura básica do sistema relacional é idêntica em todas as línguas da família Tupí-Guaraní, a sua reconstrução para o PTG, realizada por Jensen, é de fato inevitável. Se quisermos investigar a origem histórica deste sistema, precisaremos ir além da família Tupí-Guaraní.

² Outros possíveis marcadores de terceira pessoa, como o que marca correferencialidade com o sujeito de uma oração, ou o que marca um possuidor humano genérico, são também considerados relacionais por Rodrigues e Cabral e simbolizados como R³ e R⁴, respectivamente.

2. O ramo seguinte

Na família Tupí, as duas línguas mais próximas do ramo Tupí-Guaraní são o Awetí (falado no Parque do Xingu, Estado do Mato Grosso, Brasil) e o Mawé ou Sateré-Mawé (falado na região dos rios Andirá e Marau, Estado do Amazonas, Brasil). Rodrigues (1958) as havia inicialmente incluído no ramo Tupí-Guaraní. Com o aparecimento de melhores dados, Rodrigues (1984/85) as reclassificou como membros de ramos independentes (o ramo Awetí e o ramo Mawé) da família Tupí, mantendo a conexão anteriormente notada através da hipótese de que estes ramos formassem um ramo maior dentro da família Tupí: o ramo Mawé-Awetí-Tupí-Guaraní (abreviado, já em Meira 2006 e Drude 2006, como “Mawetí-Guaraní”, um termo que continuará a ser usado neste trabalho). De fato, Rodrigues viu dois níveis nesta relação: uma conexão mais estreita entre o Awetí e o Tupí-Guaraní, seguida pela conexão entre o Mawé e o “Awetí-Guaraní”. Dietrich (1990) discute resultados estatísticos que dão apoio a esta classificação; Drude (2006) critica os resultados de Dietrich, mas conclui que há evidência não-conclusiva a favor de um subgrupo Awetí-Guaraní. Corrêa da Silva (2007) fornece argumentos adicionais.

Figura 1. Relação genética entre os ramos Mawé, Awetí e Tupí-Guaraní da família Tupí, baseada em Rodrigues (1984/85), Rodrigues e Cabral (2002, 2012), Drude (2006).



Dados adicionais, ilustrativos da relação entre o Mawé e o Tupí-Guaraní, foram apresentados e discutidos por Rodrigues e Dietrich (1997). Algumas possíveis inovações compartilhadas foram sugeridas por Corrêa da Silva (2007, 2010) como argumentos adicionais para a existência dos ramos Mawetí-Guaraní e Awetí-Guaraní. Estes estudos, entretanto, basearam-se em comparações entre o Mawé e/ou o Awetí com o Proto-Tupí reconstruído por Rodrigues (em Rodrigues e Dietrich 1997:268), sem examinar a questão da proto-língua intermediária. O primeiro estudo a abordar a questão do Proto-Mawetí-Guaraní (PMAG) em detalhe, baseado fundamentalmente em comparações internas a este subgrupo e no método histórico-comparativo em geral, é Drude e Meira (em preparação). O presente artigo reproduz e expande a discussão e as conclusões de Drude e Meira sobre os prefixos relacionais nas línguas Tupí-Guaraní.

2.1. Os prefixos relacionais em Awetí e Mawé

Examinando-se primeiramente a língua Awetí, nota-se a ausência de um prefixo relacional de contiguidade (R^1), comparável ao Proto-Tupí-Guaraní **r-*.

(2) Awetí (Drude, dados de campo)

- | | | | |
|----|---|----|--------------------------------------|
| a. | <i>João up</i>
João pai
'o pai de João' | b. | <i>t-up</i>
3-pai
'o pai dele' |
|----|---|----|--------------------------------------|

Em Mawé, porém, observa-se um padrão mais semelhante ao das línguas Tupí-Guaraní, com elementos diferentes, *s-* e *h-*, ocorrendo em casos de contiguidade e não-contiguidade, como se vê nos exemplos abaixo (o termo Mawé *-up* “sêmen” é cognato do termo Awetí *-up* ‘pai’).

(3) Mawé (Meira, dados de campo)

- | | | | |
|----|---|----|--|
| a. | <i>João s-up</i>
João R ¹ -sêmen
'o sêmen de João' | b. | <i>h-up</i>
R ² -sêmen
'o sêmen dele' |
|----|---|----|--|

As glossas destes exemplos já propõem implicitamente para o Mawé um sistema análogo ao das línguas Tupí-Guaraní, com um marcador de contiguidade *s-* (R¹) e um marcador de não-contiguidade *h-* (R²). Esta análise pode ser encontrada na literatura sobre a língua Mawé (Franceschini 1999:24-37, Pereira da Silva 2010:147-149; implicitamente, também Rodrigues e Dietrich 1997, onde as raízes Mawé são listadas nos conjuntos de cognatos com um hífen em lugar de *s* e *h* iniciais). Contudo, uma comparação dos paradigmas completos de posse nominal nas três línguas sugere outras possibilidades. Na Tabela 2, cotejam-se paradigmas representativos de raízes começadas por consoante; na Tabela 3, vêem-se raízes começadas por vogal.³

Tabela 2. Paradigmas de posse: Mawé *ty* ‘mãe’, Awetí *ty* ‘mãe’, PTG *čý ‘mãe’.

PESSOA	MAWÉ	AWETÍ	PTG	PTG (correferencial)
1	uj- ty	i- ty	*čé čý	*wi-čý
2	e-ty	e-ty	*né čý	*e-čý
3	i- ty	i- ty	*i- čý	
1PL.IN	aj- ty	kaj- ty	*jané čý	*jere- čý
1PL.EX	uru- ty	ozo-ty	*oré čý	*oro- čý
2PL	ej- ty	e'i- ty	*pé čý	*peje-čý
3CRF	to-ty	o- ty		*o-čý
SN	SN ty	SN ty	*SN čý	
Não-pos.	—	—	—	—

³ Nem todas as raízes começadas por vogais tomam o prefixo de contiguidade **r-* em PTG (veja-se a discussão na sessão 2.2). Note-se também que, em Awetí, há diferenças entre formas possuídas na fala masculina e na fala feminina. Aqui, consideram-se só as formas femininas, já que as masculinas são claramente inovações mais recentes. Note-se também que o prefixo de segunda pessoa plural *pe-* condiciona a forma nasal *n-* do elemento *r-*; trata-se de uma especificidade deste prefixo, o qual talvez tenha sido nasal em alguma época anterior.

Tabela 3. Paradigmas de posse: Mawé *h-up* ‘sêmen’, Awetí *up* ‘pai’, PTG **úβ* ‘pai’.

PESSOA	MAWÉ	AWETÍ	PTG	PTG (correferencial)
1	u-h-up	it- up	*čé	r- úβ
2	e-s-up	e- up	*né	r- úβ
3	h-up	t- up		*t- úβ
1PL.IN	a-h-up	kaj- up	*jane	r- úβ
1PL.EX	uru- s-up	ozo- up	*ore	r- úβ
2PL	e-h-up	e’i- up	*pe	n- úβ
3CRF	to- s-up	o- up		*o- úβ
SN	SN s-up	SN up	*SN	r- úβ
Não-pos.	s-up	up		*t- úβ

Pode-se imediatamente observar, inspecionando-se a Tabela 2, que os marcadores de primeira e segunda pessoa do singular em Mawé e Awetí são cognatos não com os marcadores equivalentes em PTG (*čé, *né), mas com os seus equivalentes correferenciais (*wi-, *e-), um fato já mencionado por Rodrigues (1985:340) e por Jensen (1998:574). É do conhecimento geral dos estudiosos da família Tupí-Guaraní que a série normal de prefixos de posse provém dos pronomes pessoais correspondentes (*ičé ‘1’, *ené ‘2’ etc.) usados como possuidores nominais, o que explica a semelhança com a linha SN das Tabelas 2 e 3. Somente os marcadores de terceira pessoa *i-* em Mawé e Awetí são cognatos com o prefixo equivalente **i-* em PTG.⁴

Observando-se, em seguida, as raízes possuídas, nota-se a alternância entre *h-* e *s-* no termo Mawé da Tabela 3, a qual não coincide com as variações observadas no paradigma correspondente em PTG. Esta divergência não surpreende, uma vez que, devido à origem recente dos marcadores de pessoa em PTG, só as formas de terceira pessoa são realmente cognatas. Seria necessário comparar-se o paradigma de posse Mawé

⁴ Para uma descrição mais recente do processo que deu origem aos clíticos de pessoa em Tupí-Guaraní, onde se criticam hipóteses de Jensen (1998), veja-se Gildea (2002). Examinando o sistema de marcação de pessoa em verbos, Gildea conclui que o prefixo de terceira pessoa **i-* é o mais antigo, sendo os demais prefixos o resultado de adições posteriores. Ele sugere ainda que o prefixo **i-* é um resquício de um sistema maior perdido: “Any other person-marking that might have co-existed with this prefix has been lost, leaving us unable to reconstruct a larger system. In essence, I reconstruct the 3O/So prefix [**i-*] as a relic from an unrecoverable prior system.” (2002:322). Os dados na Tabela 2 mostram que o sistema original ainda existia em PTG (e ainda existe em algumas línguas modernas da família). Como costuma acontecer com morfologia que está sendo substituída, a competição com o novo sistema relegou o sistema original a um nicho específico: o de marcação de correferencialidade. Este fato talvez não seja tão surpreendente, se supusermos (o que é bastante razoável) que os clíticos inovadores, provenientes dos pronomes pessoais, tinham inicialmente uma função enfática ou contrastiva (“a *minha* mãe, não a sua ou a dele”). Pode-se imaginar esse uso enfático como menos frequente em posição de não-sujeito (objeto, complemento oblíquo etc.) do que em posição de sujeito, e ainda menos frequente quando o objeto ou oblíquo for “normal” ou “esperado”, o que tende a acontecer quando o possuidor do objeto ou oblíquo é correferencial com o sujeito (note-se como o pronome possessivo em português pode ser eliminado sem mudança de sentido em casos correferenciais como *eu lavo a (minha) mão* ou *you vai para (sua) casa*, mas não em *eu lavo a sua mão* ou *you vai para minha casa*). Uma menor frequência de casos de ênfase no contexto correferencial levaria a uma maior frequência dos antigos prefixos de pessoas, mais bem preservados nesse contexto, o que permitiria a sua reinterpretação como marcadores desse contexto específico, i.e., posse correferencial. Note-se, *en passant*, que o prefixo correferencial de terceira pessoa, **o-*, não é clítico e não provém de pronome independente; ele deve, portanto, ser considerado como parte do sistema original, o qual já distinguia correferencialidade e não-correferencialidade na terceira pessoa. Isso pode também ter contribuído para a reinterpretação dos demais prefixos originais de pessoa como marcadores de correferencialidade, além de impedir a reinterpretação no caso do prefixo original **i-*.

com o paradigma correferencial do PTG, o qual, infelizmente, só foi reconstruído para *čý ‘mãe’, uma raiz cujo cognato Mawé (*ty*) não contém o elemento *h-* ~ *s-*. Há, felizmente, dados na literatura, incompletos mas sugestivos, sobre o paradigma correferencial em línguas Tupí-Guaraní. Antes de examiná-los, porém, comparemos os paradigmas de posse em Mawé nas Tabelas 2 e 3.

Um primeiro fato evidente da alternância em Mawé é que as formas com *h-* ou *s-* não distinguem contiguidade de não-contiguidade, já que o *s-*, que ocorre com um possuidor contíguo em (3a), aparece também como a forma de citação (sem possuidor) na Tabela 3, e o *h-*, que ocorre com possuidor não-contíguo em (3b), aparece também em várias formas com o possuidor representado por um prefixo contíguo à raiz (1, 1PL.IN, 2PL). É mais simples ver este elemento como parte (consoante inicial) da raiz, a qual alternará entre *hup* e *sup* de acordo com o prefixo ou nome possuidor que a preceder.

Outro padrão que se torna claro ao se compararem as Tabelas 2 e 3 é que as alternantes com *h* da Tabela 3 correspondem precisamente aos casos na Tabela 2 em que ocorrem prefixos de pessoa terminados em *i* ou em *j* (1, 3, 1PL.IN, 2PL), enquanto que as alternantes com *s* da Tabela 3 correspondem aos casos na Tabela 2 em que ocorrem prefixos terminados em outras vogais, ou a casos sem nenhum prefixo. Aplicando-se a estes exemplos o método da reconstrução interna (veja-se a discussão deste método em introduções à linguística histórica, como Anttila 1989:264-273, Hock 1991:532-556, ou Campbell 2004:225-251), pode-se sugerir que, em um estágio anterior da história do Mawé (o “Pré-Mawé”), o paradigma era o mesmo nos dois casos, sendo a alternância da consoante inicial na Tabela 3 o resultado da interação entre a vogal final do prefixo de pessoa e a consoante inicial da raiz, representada abaixo com o símbolo **T*:

(4) Reconstrução do paradigma parcial de *hup* / *sup* “sêmen” em pré-Mawé (**i* = **i* ou **j*)

* <i>ui-Tup</i>	>	<i>u-hup</i>	
* <i>e-Tup</i>	>	<i>e-sup</i>	
* <i>i-Tup</i>	>	<i>hup</i>	
*(<i>t</i>) <i>o-Tup</i>	>	<i>to-sup</i>	
* <i>SN Tup</i>	>	<i>SN sup</i>	
* <i>Tup</i>	>	<i>sup</i>	→ Regra: * <i>iT</i> > <i>h</i> , senão * <i>T</i> > <i>s</i>

As formas correspondentes em Awetí podem também ser derivadas da interação do **T* inicial da raiz com a vogal final dos prefixos. À primeira vista, a raiz parece ter perdido o **T* inicial em todos os casos; mas, se considerarmos o *t* final nos prefixos de primeira pessoa e terceira pessoa (para os quais não há motivação de outras línguas Tupí, fora do ramo Mawetí-Guaraní) como reflexos de **T* quando precedido por **i*, então este *t* refletiria, nesses casos, o **T* original. Isso significa que *it-up* e *t-up* eram anteriormente **i-tup* e * \emptyset -*tup*, os quais foram reanalisados como *it-up* e *t-up*. Os novos prefixos *it-* e *t-* foram então estendidos a todos os substantivos com vogal inicial; ou seja, a classe dos substantivos que começavam com **T* e a dos que começavam com vogal convergiram, tornando-se uma única classe.

(5) Derivação de formas de *up* ‘pai’ em Awetí a partir de formas Pré-Mawé/Aweti (**i* = *i* ou *j*).

* <i>ui-Tup</i>	>	* <i>wi-tup</i>	>	<i>it-up</i>	(queda do <i>w</i> inicial e reanálise de * <i>i-tup</i> como <i>it-up</i>)
* <i>e-Tup</i>	>		>	<i>e-up</i>	
* <i>i-Tup</i>	>	* \emptyset - <i>tup</i>	>	<i>t-up</i>	(reanálise da consoante inicial como prefixo)
*(<i>t</i>) <i>o-Tup</i>	>		>	<i>o-up</i>	
* <i>SN Tup</i>	>		>	<i>SN up</i>	
<i>Tup</i>	>		>	<i>up</i>	→ Regra: * <i>iT</i> > <i>t</i> , senão * <i>T</i> > \emptyset

Poder-se-ia propor para o Awetí a perda de **T* nos dois últimos casos em (5). Há, contudo, razões (vejam-se as correspondências na Seç. 2.3.1) para não se postular a perda de **T* em Awetí em início de palavra. Sugere-se aqui que a forma Awetí não possuída *up* teve origem analógica: quando o *t* no início da raiz foi reinterpretado como parte dos prefixos de primeira e terceira pessoa, a raiz **tup* tornou-se *up*, a qual se propagou ao contexto não-possuído, onde não há prefixos de pessoa, e ao contexto de posse por SN.

À primeira vista, as formas de primeira pessoa plural inclusiva e segunda pessoa plural em Awetí na Tabela 3 (*kaj-up*, *e'i-up*) parecem constituir exceções, já que o *i* adjacente à raiz possuída não levou a um reflexo *t* (**kajt-up*, **e'it-up* não existem em Awetí). Note-se, porém, que as diferenças de forma entre os prefixos plurais nos três ramos do subgrupo Mawetí-Guaraní não permitem uma reconstrução acurada: não se pode afirmar que os prefixos cujos reflexos Awetí são *kaj-* e *e'i-* realmente terminavam em *i* ou *j* no passado (comparem-se os prefixos PTG **jere-*, Tupínambá *ja-*, ou PTG **peje-*, Tupínambá *pe-*, que não terminam em *i*).⁵

E quanto ao PTG? Como foi visto acima, Jensen (1998) reconstruiu os prefixos correferenciais apenas para a raiz não-alternante **čý* ‘mãe’ (veja-se a Tabela 2). Há, contudo, dados disponíveis de algumas línguas Tupí-Guaraní que podem ajudar a construir uma hipótese razoável. Com base nestes dados, examinados em detalhe nos parágrafos abaixo, propor-se-á aqui uma reconstrução para os prefixos correferenciais do PTG com raízes começadas por vogal. Como, contudo, os dados não são completos, e a comparação não é feita inteiramente entre raízes cognatas (o que é necessário para que se comparem as formas corretas, com os alternantes cognatos), esta reconstrução é preliminar e deverá ser empreendida novamente com dados melhores e mais completos (veja-se a Seção 3.5).

Vejam, inicialmente, os paradigmas possessivos da língua Asuriní do Tocantins (subgrupo IV, na classificação de Rodrigues e Cabral 2002) para as raízes *paa* ‘mão’, *tyroa* ‘pano, roupa’ e *aga* ‘casa’ na Tabela 4, em comparação com as formas das Tabelas 2 e 3 acima.

Tabela 4. Paradigmas de posse correferencial e não-correferencial em Asuriní (Nicholson 1978)

PESSOA	<i>paa</i> ‘mão’		<i>t-yroa</i> ‘pano, roupa’		<i>aga</i> ‘casa’	
	NÃO-CORREF	CORREF	NÃO-CORREF	CORREF	NÃO-CORREF	CORREF
1	se- paa	oe- paa	se- r-yroa	oe- t-yroa	se- r-aga	oe- t-aga
2	ne- paa	e- paa	ne- r-yroa	s-yroa	ne- r-aga	s-aga
3	i- paa	o- paa	h-yroa	w-yroa	h-aga	w-aga
1PL.IN	sene- paa	sere- paa	sene-r-yroa	sere-s-yroa	sene-r-aga	sere-s-aga
1PL.EX	ore- paa	oro- paa	ore- r-yroa	oro- s-yroa	ore- r-aga	ore- s-aga
2PL	pe- paa	pese- paa	pe- n-yroa	pese-s-yroa	pe- n-aga	pese-s-aga
SN	SN paa		SN r-yroa		SN r-aga	

Como em Mawé, encontramos em Asuriní prefixos que causam mudanças nos segmentos iniciais (ou “prefixos relacionais”) de certas raízes, mas não em outras. Nos casos em que há mudanças, o prefixo de segunda pessoa *e-* co-ocorre com o mesmo

⁵ Em pré-Mawé, os prefixos de primeira pessoa inclusiva e de segunda pessoa plural eram provavelmente **aj-* e **ej-*, a julgar pelos seus efeitos na consoante inicial da raiz. Levando-se em conta, entretanto, as diferenças apreciáveis entre as formas de plural nos três ramos Mawetí-Guaraní, não se pode reconstruir a sua forma, e em especial a sua vogal final, em PMAG, com a possível exceção da forma exclusiva plural, a qual aparentemente era **oro-* ou **uru-* (**(o/u)r(o/u)-*) e não terminava em **i* ou **j*.

alternante (*s*, foneticamente [ç])⁶ encontrado com as pessoas do plural, o prefixo de primeira pessoa co-ocorre com o alternante *t-*, e o prefixo de terceira pessoa correferencial *o-* ~ *w-* com um alternante \emptyset -. Na terceira pessoa encontramos o alternante *h*, ao invés do *t-* que seria de se esperar, uma vez que a primeira e a terceira pessoas condicionam o mesmo alternante em Mawé e em Aweti; note-se, porém, que os termos Asuriní não pertencem à mesma classe onde se encontram os cognatos Tupí-Guaraní do Mawé *hup* ~ *sup* ‘sêmen’ e Aweti *up* ‘pai’ (PTG *-úβ; veja-se a Seç. 2.2); infelizmente, o paradigma correferencial de ‘pai’ em Asuriní não se encontra no trabalho de Nicholson. No contexto em que um SN possuidor precede o possuído, obtém-se o alternante *r-*.

Para o Parakanã, outra língua do subgrupo IV, parente próxima do Asuriní do Tocantins, foi descrita uma série de pronomes correferenciais (Ferreira da Silva 2003:50): *we-* / *wet-* ‘1’, *e-* ‘2’, *o-* / *w-* ‘3’, *xere-* / *xene-* ‘1PL.IN’, *oro-* ‘2PL.EX’, *pexe-* ‘3’ (onde *x*, como o *s* Asuriní, representa [tʃ]). Infelizmente, nenhum paradigma completo foi fornecido; pode-se, contudo, ver a semelhança com os prefixos Asuriní, a qual sugere que *we-t-* (com *t*) e *e-* também ocorram com raízes alternantes. Compare-se este padrão com o dos prefixos correferenciais na língua Tapirapé, também do subgrupo IV (embora mais distante do Asuriní e do Parakanã; Praça 2007:26): *we-* / *wex-* ‘1’, *e-* / *ex-* ‘2’, *a-* / *w-* ‘3’, *xere-* / *xerex-* ‘1PL.IN’, *ara-* / *arax-* ‘1PL.EX’, *pexe-* / *pexex-* ‘2PL’ (*x* = [tʃ]). Aqui, aparentemente, não há mais raízes alternantes, e o prefixo de primeira pessoa foi regularizado (**we-t-* > *we-x-*) de modo a se comportar como os demais prefixos, os quais, excetuando-se o de terceira pessoa, terminam em *x* com raízes que começam por vogal.⁷

Em Tupinambá (subgrupo III, na classificação de Rodrigues e Cabral 2002), há dados sobre os prefixos correferenciais em formas verbais de gerúndio, nas quais esses prefixos eram usados para marcar o objeto de verbos intransitivos (não estativos); em outros ambientes, particularmente em substantivos possuídos, só o prefixo correferencial de terceira pessoa (*o-*) foi conservado. Como se vê na Tabela 5, o padrão observado se assemelha ao do Awetí na Tabela 3: o prefixo de primeira pessoa, mas não os outros, termina em *t*. (A irregularidade em (*j*)*ur* ‘vir’ é uma peculiaridade desta raiz, encontrada também em outras formas de sua conjugação.)

Tabela 5. Paradigmas de gerúndio em Tupinambá (Barbosa 1956:166, Rodrigues 2010:37).

PESSOA	<i>pak</i> ‘acordar’	<i>eko</i> / <i>iko</i> ‘estar’	<i>en</i> / <i>in</i> ‘estar (sentado)’	(<i>j</i>) <i>ur</i> ‘vir’
1	wi- pak-a	wi-t- eko-βo	wi-t- en-a	wi-t- u
2	e- pak-a	e- iko-βo	e- in-a	e- ju
3	o- pak-a	o- iko-βo	o- in-a	o- u
1PL.IN	ja- pak-a	ja- iko-βo	ja- in-a	ja- ju
1PL.EX	oro- pak-a	oro- iko-βo	oro- in-a	oro- ju
2PL	pe- pak-a	pe- iko-βo	pe- in-a	pe- ju

Os prefixos *wi-*, *wit-* ‘1’ e *e-* ‘2’ também se encontram nos gerúndios da língua Guaraní antiga (subgrupo I na classificação de Rodrigues e Cabral 2002).

⁶ Note-se que, nos exemplos aqui apresentados, o prefixo *e-* desaparece depois de causar a mudança. Isto nem sempre se passa assim: em alguns casos, o prefixo é conservado. P.ex., *om* ‘estar deitado’, no gerúndio *opa*; *oe-t-opa* ‘eu estou deitado’, *e-s-opa* ‘você está deitado’, *opa* ‘ele está deitado’ (provavelmente de **o-opa*).

⁷ Leite (2012:145), contudo, lista *we(t)-*, *e(t)-*, *xere(t)-*, *are(t)-*, *pexe(t)-* com *t*, não com *x*.

Tabela 6. Paradigmas de gerúndio em Guaraní antigo (Restivo 1724:96-100).

PESSOA	<i>ho</i> 'ir'	<i>eko / iko</i> 'estar'
1	wi- ho-βo	wi-t- eko-βo
2	e- ho-βo	e- iko-βo
3	o- ho-βo	o- iko-βo
1pl.in	ja- ha-βo	ja- iko-βo
1pl.ex	oro- ho-βo	oro- iko-βo
2pl	pe- ho-βo	pe- iko-βo

Em Tenetehara (dialeto Tembê; subgrupo IV, na classificação de Rodrigues e Cabral 2002), os prefixos correferenciais foram perdidos. Há apenas um verbo que os conserva: *eko / iko*, cognato dos verbos homófonos em Tupinambá e Guaraní antigo, usado em Tenetehara como auxiliar em construções progressivas. Como estas são construções em que se utilizaria, em Tupinambá, o gerúndio do auxiliar, conclui-se que as formas com os prefixos *it-*, *Ø-*, *Ø-* em Tenetehara provavelmente provieram de antigas formas gerundivas. Note-se que esses prefixos estão sendo regularizados: os do plural já são idênticos aos dos verbos intransitivos, e os do singular estão em variação com os dos verbos intransitivos.⁸

Tabela 7. Paradigma do verbo auxiliar *eko / iko* em Tenetehara (Duarte 2003:50, 2007:143).

PESSOA	
1	i-t- eko / a- iko
2	iko / re- iko
3	iko / w- iko
1pl.in	za- iko
1pl.ex	uru- iko
2pl	pe- iko

Sobre o Guarayu (subgrupo II, na classificação de Rodrigues e Cabral 2002), Jensen afirma: “*the coreferential prefix is retained only for first person singular. [...] For the reflex of *ur ~ *jur ‘to come’, first and second person singular forms are vitu and ereju.*” (1998:531). Comparando-se estas formas com as da última coluna da Tabela 5. vê-se que a primeira pessoa (a única a conservar prefixos correferenciais) corresponde bem: Guarayu *vi-t-u*, Tupinambá *wi-t-u*.

Finalmente, na língua Guajá (subgrupo VIII, na classificação de Rodrigues e Cabral 2002), não encontramos mais prefixos correferenciais em nenhuma das formas verbais ou nominais. Há, contudo, partículas dêiticas posicionais, etimologicamente cognatas com os verbos Tupinambá da Tabela 5 (tratar-se-ia de antigas formas gerundivas gramaticalizadas): *iká ~ tiká* ‘em movimento’ (< *iku), *iná ~ tiná* ‘sentado / de cócoras’ (< *in), *amá ~ tamá* ‘de pé’ (< *am) e *apó ~ tapó* ‘deitado’ (< *uβ). O *t* inicial parece ser cognato do prefixo de primeira pessoa, especialmente se levarmos em conta que a alternância entre formas com *t* e formas sem *t* só ocorre em orações com sujeito de primeira pessoa; com outros sujeitos, ocorre apenas a forma sem *t*.

⁸ Cabral (comunicação pessoal, citada em Magalhães 2007:107, nota 38) menciona *t-ekó* como a forma de primeira pessoa deste verbo em Tembê, e menciona dois outros que ainda tomam um prefixo de primeira pessoa *t-*: *t-einí* ‘estar sentado’ (cognato do Tupinambá *en / in* na Tabela 5) e *t-eʔəm* ‘estar em pé’. Duarte (2007:141, ex. 3) menciona a forma *t-yini* ‘estou sentado’.

Levando-se em consideração os dados acima, propõe-se aqui a reconstrução das formas de primeira e segunda pessoa correferencial de **-uβ* ‘pai’, para comparação com seus cognatos em Awetí e em Mawé na Tabela 3, repetida abaixo (Tabela 8) por comodidade.⁹

Tabela 8. Paradigmas de posse: Mawé *h-up* ‘sêmen’, Awetí *up* ‘pai’, PTG **úβ* ‘pai’.

PESSOA	MAWÉ	AWETÍ	PTG	PTG (correferencial)
1	u-h-up	it- up	*čé r- úβ	*wit-uβ
2	e-s-up	e-up	*né r- úβ	*e-uβ
3	h-up	t- up	*t- úβ	(= *t-uβ)
1PL.IN	a-h-up	kaj- up	*jane r- úβ	
1PL.EX	uru- s-up	ozo-up	*ore r- úβ	
2PL	e-h-up	e’i- up	*pe n- úβ	
3CRF	to- s-up	o- up	*o- úβ	*o-uβ
SN	SN s-up	SN up	*SN r- úβ	*SN r- uβ
Não-pos.	s-up	up	*t- úβ	*t- uβ

O resultado é um paradigma bastante próximo ao do Awetí, diferenciando-se deste apenas na forma não-possuída e quando precedido de um SN. As mesmas regras, baseadas na existência de um segmento **T* no início da raiz, podem ser usadas em ambos os casos.

(6) Derivação de formas do termo ‘pai’ em PTG a partir de formas PMAG¹⁰ (**i = *i* ou **j*).

<i>*ui-Tup</i>	>	<i>*wi-tup</i>	>	PTG <i>*wit-úβ</i>
<i>*e-Tup</i>	>		>	PTG <i>*e-úβ</i>
<i>*i-Tup</i>	>	<i>*∅-tup</i>	>	PTG <i>*t-úβ</i>
<i>*(t)o-Tup</i>	>		>	PTG <i>*o-úβ</i>
<i>*SN Tup</i>	>		>	PTG <i>*SN r-úβ</i>
<i>*Tup</i>	>		>	PTG <i>*t-úβ</i>

Esta proposta implica que a evolução do **T* inicial do PMAG ao PTG dependeu da presença ou ausência de uma fronteira de sintagma adjacente, já que seus reflexos diferem nesses dois casos: **[SN Tup] > *SN r-uβ*, mas **[Tup] > *t-úβ*. Tal situação pode surpreender, mas fenômenos semelhantes, ilustrando a interação entre a fonologia e a sintaxe, não são incomuns em outras famílias linguísticas. Há casos bem conhecidos, como o das mutações iniciais das línguas celtas e de certos dialetos italianos como o corso, o *rafforzamento* ou *raddoppiamento sintatico* de outros dialetos italianos, e certos casos de *sandhi* em sânscrito. Considere-se também o fenômeno (mencionado por F. Queixalòs, em comunicação pessoal) da ausência de *liaison* em francês, em frases como *on parle de vous à Paris*, para a qual a pronúncia normal é [õ.paʀl.də.vu.a.paʀi], não

⁹ Esta reconstrução, claro está, é tentativa: mais informação sobre os prefixos correferenciais e suas irregularidades na família Tupí-Guaraní é necessária antes que uma reconstrução definitiva possa ser realizada. Em particular, note-se que a reconstrução do prefixo de segunda pessoa *e-* com a alternante *∅*, como se vê em Tupinambá, Guaraní antigo e Tenetehara, parte do pressuposto de que os casos de alternante *s* na segunda pessoa em Asuriní são secundários, resultando, por exemplo, da extensão do *s* final nos alomorfes dos demais prefixos quando usados com raízes começadas por vogal (o que parece ter acontecido em outras línguas do grupo IV, como o Tapirapé). Esta possibilidade precisa ser confirmada.

¹⁰ Mais precisamente, não PMAG, mas pré-PMAG; veja-se a Seç. 3.2.

[õ.paRl.də.vuz.a.paRi], já que *vous* e *à* estão separados por uma fronteira de sintagma: [on parle [de vous] [à Paris]].

Resumindo-se o que foi discutido acima: com base na reconstrução interna aqui proposta, os prefixos relacionais em línguas Tupí-Guaraní podem ser vistos como reflexos da consoante inicial da raiz em questão, reconstruída como **T*, em contextos diferentes, conforme o esquema abaixo:¹¹

(7) Evolução do **T* do PMAG nas três línguas filhas (primeira versão; **i* = **i* ou **j*)

PMAG		Mawé	Awetí	PTG
<i>*iT</i>	>	<i>h</i>	<i>t</i>	<i>*t</i>
[<i>*T...</i>]	>	<i>s</i>	<i>t</i>	<i>*t</i>
[<i>*SN T...</i>]	>	<i>s</i>	<i>t</i>	<i>*r</i>
senão <i>*T</i>	>	<i>s</i>	∅	<i>*∅</i>

2.2. A questão das classes nominais em PTG

Nas línguas Tupí-Guaraní, a questão do prefixo relacional e sua origem envolve a questão das classes de raízes. Jensen (1998) descreve propõe três classes: classe I (onde o prefixo relacional de contiguidade R^1 é **∅-*), classe II (onde R^1 é **r-*) e classe III (onde não há R^1 , i.e., raízes sem flexão de pessoa). Observa-se com frequência que a classe à qual pertencerá uma dada raiz nominal, verbal ou posposicional é com frequência predizível: raízes da classe II começam sempre por vogal e raízes da classe I começam frequentemente por consoante. Há, porém, casos de raízes começadas por vogal na classe I (p.ex. **akáŋ* ‘cabeça’, que nunca toma o prefixo **r-*). Jensen (1998:559) sugere que raízes como **akáŋ* tinham uma consoante inicial em Pré-PTG (**Cakáŋ*), possivelmente uma oclusão glotal, a qual impedia a ocorrência do prefixo relacional **r-* e foi posteriormente perdida. Neste trabalho, sugere-se o contrário: as raízes da classe II, mas não as da classe I, possuíam uma consoante inicial (**T*), sendo **r* um dos seus possíveis reflexos em PTG.

A classe II, por sua vez, divide-se em subclasses definidas principalmente por alomorfes distintos dos prefixos das formas não-possuída e possuída por terceira pessoa, como se pode ver abaixo, na Tabela 9.¹²

¹¹ Rodrigues e Cabral (2012:514), de modo aparentemente independente, chegaram também à conclusão que a alternância *h/s* em Mawé, bem como o elemento *t* nos prefixos de primeira e terceira pessoas em Awetí, provêm da influência de um *i* ou *j* precedente, mas detiveram-se antes de antigrir o estágio seguinte: a comparação com o Tupí-Guaraní e a reconstrução interna, levando à constatação de que os prefixos relacionais e a alternância em Mawé são fenômenos cognatos). Esta idéia foi mencionada pela primeira vez em Meira, Gildea e Hoff 2010:514.

¹² Para o Tupinambá, Barbosa (1956:107-116) menciona dois prefixos para a forma não-possuída (R^4), *t-* ‘genérico humano’ e *s-* ‘genérico não-humano’; p.ex., *t-eté* ‘corpo (de gente)’, *s-eté* ‘corpo (de coisa)’, ou *t-esá* ‘olhos (de gente)’, *s-esá* ‘olhos (de animal)’, *t-uwvy* ‘sangue (de gente)’, *s-uwvy* ‘sangue (de animal)’, etc. (1956:295). Estes dois prefixos parecem existir apenas em Tupinambá, uma vez que descrições de outras línguas não os mencionam. De fato, Rodrigues (2010:17-28) não os menciona para o próprio Tupinambá, e Jensen (1998) não os reconstrói em PTG. Trata-se, aparentemente, de uma inovação do Tupinambá, consistindo, possivelmente, em permitir o uso da forma de terceira pessoa (com *s-* < **c-*) em um contexto genérico não-humano.

Tabela 9. Subclasses de raízes que tomam o “relacional” *r*- em PTG (Jensen 1998).

	CLASSE IIa	CLASSE IIb	CLASSE IIc	CLASSE IIId
	‘nome’	‘pai’	‘casa’	‘cuia’
R ¹ (3a pessoa)	* <i>c-ér</i>	* <i>t-úβ</i>	* <i>c-ók</i>	* <i>c-ekúj</i>
R ² (contiguidade)	* <i>r-ér</i>	* <i>r-úβ</i>	* <i>r-ók</i>	* <i>r-ekúj</i>
R ⁴ (não-possuída)	* <i>t-ér</i>	* <i>t-úβ</i>	* <i>ók</i>	* <i>kuj</i>

A raiz comparada na Tabela 3, **t-úβ*, pertence à classe IIb (cujos membros têm **t*-tanto na forma de terceira pessoa quanto na forma não-possuída), uma classe em geral bastante pequena, contendo sobretudo termos de parentesco. A classe IIa, a maior de todas, apresenta **c* ao invés do reflexo esperado (**t*) na forma de terceira pessoa; já a forma não-possuída tem o reflexo esperado de **T* em início de palavra: **t*. Levando-se em conta que a maioria das raízes da classe IIa começa por **e*, enquanto que quase nenhuma das raízes da classe IIb começa por essa vogal, pode-se sugerir que houve palatalização secundária: **i-T-e... > *t-e... > *c-e...* Há, contudo, raízes começadas por **a* e **o* na classe IIa, em número suficiente para levantar dúvidas sobre essa hipótese (p.ex., PTG **c-áb* ‘cabelo, pêlo, penas dele/a’, **c-ób* ‘folha dele/a’; reconstruções de Mello 2000). Frente a este impasse, há três possíveis propostas:

- havia mais um proto-fonema, **T₂*, o qual teria os mesmos reflexos que **T*, exceto quando precedido por um **i*, ou seja, crucialmente, na forma possuída de terceira pessoa, caso em que ocorreria **c* (ou seja, **i-T... > PTG *t...*, mas **i-T₂ > *c...*); conseqüentemente, **t-úβ* ‘pai dele/a’ proviria de **i-Tup*, enquanto **c-ér* ‘nome dele/a’ refletiria **i-T₂et*;
- o reflexo de **i-T* em PTG era **c*, não **t*; assim, a classe IIa representa o caso normal, enquanto que as classes IIb e IIc, ambas pequenas, constituem os casos irregulares; conseqüentemente, **i-Tér > PTG *c-ér* é o desenvolvimento regular, enquanto **i-Túp > PTG *t-úβ* é excepcional;
- passagem (por analogia) de raízes de uma classe para outra; por exemplo, poder-se-ia sugerir que, após a palatalização secundária de **t* (< **i-T*) para **c* quando seguido por **e*, estas, sendo mais numerosas, teriam atraído raízes começadas por outras vogais; apenas certos termos mais conservadores teriam retido o reflexo original **t*.

Estas três possibilidades não são todas mutuamente exclusivas: (c) pode ser verdadeira independentemente de (a) ou (b). Há evidência para a passagem de raízes de uma classe para outra, inclusive dentro da família Tupí-Guaraní: Jensen menciona que “[i]t appears that in Mbyá Guaraní all members of what was originally subclass IIId have been transferred to subclass IIa. For example, tape ‘path (unspecified)’, tepoxi ‘feces’, tembi’u ‘food’. (1998:501). Mais pesquisas sobre a migração de raízes entre as várias classes são necessárias para que se possa determinar a importância deste fenômeno.

Entre (a) e (b), a opção mais econômica é (b), pois não postula um segmento adicional para o inventário fonológico PMAG ou PTG. Há, além disso, alguma evidência suplementar a seu favor (veja-se a Seç. 2.3.4). A não ser que dados melhores forneçam maiores argumentos a favor de um **T₂* adicional, deve-se preferir a ideia de que **i-T > PTG *c*.

O problema das demais classes, claro está, permanece, mas trata-se de classes pequenas, cuja origem pode depender de irregularidades de lexemas específicos. Note-se

que a classe IIb é majoritariamente constituída por termos de parentesco, os quais são frequentemente irregulares nas línguas do mundo. A classe IId, por outro lado, é explicada pela presença de um elemento extra *e-*, um antigo marcador de posse alienável, com cognatos em Mawé e Aweti.

Um último problema é o da forma de primeira pessoa: se $*i-T > \text{PTG } *c$ for verdade, por que o prefixo de primeira pessoa $*wi-$ não resulta em $*wi-c-$, ao invés de $*wi-t-$? Voltando à Tabela 2, vemos uma possível resposta: $*wi-$ corresponde ao prefixo Mawé $uj-$. Como a diferença entre wi e uj é basicamente a posição do acento, não custa imaginar que a forma original deste prefixo em PMAG fosse $*uj-$, não $*wi-$. Isto sugere que $*j$ e $*i$ tiveram efeitos diferentes em $*T$, o que leva a mudanças na derivação em (6) (usando-se $*-er$ ‘nome’ ao invés de $*-u\beta$ ‘pai’):

(8) Derivação de formas do termo ‘nome’ em PTG a partir de formas PMAG.

$*uj-Tet >$	$*uj-tet >$	$*wi-tet >$	PTG $*wit-er$	
$*e-Tet >$	$*e-et >$		PTG $*e-er$	
$*i-Tet >$	$*cet >$		PTG $*c-er$	Regras: $*iT > *c$
$*(t)o-Tet >$	$*o-et >$		PTG $*o-er, *w-er$	$*jT > *t$, senão $*T > *∅$

Por conseguinte, as regras em (7) acima precisam ser ligeiramente alteradas:

(9) Evolução do $*T$ do PMAG nas três línguas filhas (segunda versão; $*i \neq *j$)

PMAG		Mawé	Awetí	PTG
$*iT$	$>$	h	t	$*c$
$*jT$	$>$	h	t	$*t$
$[*T\dots]$	$>$	s	t	$*t$
$[*SN T\dots]$	$>$	s	t	$*r$
senão $*T$	$>$	s	$∅$	$*∅$

2.3. Evidência adicional em favor de $*T$

2.3.1. Correspondências fora do sistema de prefixos relacionais

Além dos paradigmas de posse, onde o segmento $*T$ pode ser proposto por reconstrução interna no início das raízes cujos cognatos em Tupí-Guaraní apresentam os “prefixos relacionais” $r-$ e $t-$ (a classe II), há casos de cognatos sem prefixos relacionais que parecem mostrar reflexos de $*T$. Considerar-se-ão aqui os casos mais importantes (veja-se Drude e Meira (em preparação) para uma discussão mais detalhada), os quais constituem evidência adicional para a reconstrução de $*T$.

Tabela 10. Cognatos com correspondências que refletem PMAG $*T$.

COGNATO	MAWÉ (Meira, dados)	AWETÍ (Drude, dados)	PTG (Mello 2000)	PMAG
tatu (sp.)	<i>Sahu</i>	<i>tatu-pep</i>	$*tatu$	$*TajTu$
fome / pobreza	<i>syy'at</i>		$*ty'a\beta or$	$*Tyy'a(t)$
flor	<i>i-pohyyt</i>	<i>'a-poty</i>	$*potyr$	$*pojTyyt$
bom, bonito	<i>Kahu</i>	<i>katu</i>	$*katu$	$*kajTu$
nadar	<i>Yha</i>	<i>yta-tap</i>	$*yta\beta$	$*yjTa(p)$
passar	<i>Kosap</i>	<i>kwap</i>	$*k^w a\beta$	$*koTap$

Há duas correspondências importantes na Tabela 10: *s:t:t* e *h:t:t*. Comparando-as com os reflexos listados em (9), vemos que *s:t:t* coincide exatamente com os reflexos de **T* em início de palavra nos paradigmas possessivos, enquanto que *h:t:t* corresponde perfeitamente aos reflexos de **jT*, o que sugere reconstruções que contêm **T* e **jT*. Em um caso, “tatu” (onde se vêem ambas as correspondências), cognatos de outros ramos da família Tupí provêm razões independentes para se reconstruir um **j*: Mundurukú *dajdó*, Kuruaya *lajló*, Makurap *tajtu-’i*, Karo *jajo*, Puruborá *jajo* (dados do Projeto Tupí Comparativo, Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, PA). Finalmente, em um caso, “passar”, temos a correspondência *s:∅:∅*, a qual coincide em (7) com o desenvolvimento de **T* sem **i* ou **j* adjacente no interior de palavras; e, de fato, em “passar”, a correspondência está no interior da palavra.

2.3.2. Palavras compostas¹³

Nas línguas Mawetí-Guaraní, existem, além de sintagmas nominais possessivos, como os exemplificados em (1a, c), (2a) e (3a) acima, também casos de composição, em que raízes distintas se combinam para formar uma única raiz composta. Jensen reconstrói o processo de composição em PTG.

(10) Exemplos de palavras compostas em PTG (Jensen 1998:511-512)

- a. **akáj* ‘cabeça’ + **-acy* ‘dor’ => **akájacy* ‘dor de cabeça’
- b. **ka’i* ‘macaco’ + **-a’y* ‘filho’ => *ka’i-ayr* ‘jovem macaco’ (Guajajara)
- c. **pirá* ‘peixe’ + **-āj* ‘dente’ => **pirāj* ‘peixe-dente; piranha’
- d. **arár* ‘arara’ + **akáj* ‘cabeça’ => **ararakáj* ‘arara de cabeça diferente’
- e. **aβá* ‘pessoa’ + **-oβá* ‘rosto’ => **aβáoβá* ‘pessoa de rosto estranho’
- f. **pirá* ‘peixe’ + **βeβe* ‘voar’ => **piráβeβé* ‘peixe voador’
- g. **wirá* ‘pássaro’ + **picún* ‘preto’ => **wirápicún* ‘espécie de pássaro preto’

Como se pode ver, há compostos formados por raízes nominais (N + N; 10a-e), bem como raízes nominais combinadas com raízes verbais ativas (N + V; 10f) ou estativas (N + Vs; 10g). Quando a segunda raiz do composto reflete uma raiz PMAG começada por **T*, não há reflexo da consoante inicial (10a-c, e). Ora, esta é exatamente a situação predita pelas regras em (9): em interior de palavra, sem um **i* átono ou **j* adjacentes, tem-se PMAG **T > ∅*, como é também o caso com os prefixos **e-* ‘2SG’ e **o-* ‘3CRF’ (veja-se (8) acima).

A sensibilidade a contextos sintáticos (interior de palavra, interior de sintagma, início de sintagma/palavra) das regras em (9) pode ser vista de forma bastante clara em casos em que há contraste de estruturas sintáticas. Em (11a), vemos um sintagma genitivo, em (11b), dois sintagmas em aposição (‘mulher-rosto’, ‘mulher que é rosto’) e em (11c) uma palavra composta (‘mulher de rosto, mulher que tem rosto (estranho, diferente); comparem-se 10d-e acima). Como previsto pelas regras em (9), *oβá* (< **Top-a*) ‘rosto’, um substantivo da classe IIa, ocorre com um *r* inicial no primeiro caso, em interior de sintagma (**[SN T...]* > PTG **r*), com um *t* inicial no segundo, em início de sintagma (**[T...]* > PTG **t*), e sem consoante inicial no terceiro, em interior de palavra (**T > PTG ∅*).

¹³ Um agradecimento especial ao parecerista anônimo cuja sugestão de palavras compostas como possível evidência adicional em favor da reconstrução de **T* aqui proposta levou-nos a escrever esta seção e incluí-la no presente trabalho.

(11) Contrastes sintáticos em Tupinambá (Barbosa 1956:403; [] = fronteiras de sintagma)

- | | | | | | |
|----|-----------------------------|----|---------------------------------|----|------------------------------|
| a. | [<i>kujã</i> <i>roβá</i>] | b. | [<i>kujã</i>] [<i>toβá</i>] | c. | [<i>kujã-oβá</i>] |
| | mulherrosto | | mulher rosto | | mulher-rosto |
| | ‘rosto de mulher’ | | ‘mulher-rosto’ | | ‘mulher de rosto (estranho)’ |

Em Mawé, palavras compostas ainda não foram examinadas em profundidade, mas os exemplos encontrados seguem, como seria de se esperar, a regra $*T > \text{Mawé } s$ em (9), já que a raiz alternante se encontra em interior de palavra e sem um $*i$ ou $*j$ adjacentes.

(12) Exemplos de palavras compostas em Mawé (Meira, dados de campo)

- | | | | | | | | | |
|----|-----------|----------|---|----------------------------|---------|----|----------------|-----------------|
| a. | <i>'a</i> | ‘cabeça’ | + | (<i>h/s</i>) <i>ap</i> | ‘pêlo’ | => | <i>'asap</i> | ‘cabelo’ |
| b. | <i>wẽ</i> | ‘boca’ | + | (<i>h/s</i>) <i>ap</i> | ‘pêlo’ | => | <i>wẽsap</i> | ‘barba, bigode’ |
| c. | <i>mo</i> | ‘hand’ | + | (<i>h/s</i>) <i>aity</i> | ‘linha’ | => | <i>mosaity</i> | ‘corda’ |

2.3.3. O morfema de gerúndio

Abaixo, em (13), descreve-se e exemplifica-se a alomorfa reconstruída por Jensen para o sufixo que formava gerúndios (formas verbais dependentes, usadas em conjunto com um verbo principal, indicando finalidade, propósito, simultaneidade ou sequencialidade). Observe-se a aparente falta de motivação fonética ou fonológica para os alomorfes em questão, sobretudo no caso de $*-ta$.

(13) Alomorfa do sufixo de gerúndio em PTG (Jensen 1998:529-530).¹⁴

- | | | | |
|----------------|----------------------------------|--------------------------------|-----------------------------|
| C_ / $*-a$ | a. | $*o-có$ <i>i-mo'é-βo</i> | |
| V_ / $*-(á)βo$ | | 3S-ir 3O-ensinar-GER | |
| j_ / $*-ta$ | | ‘Ele foi (lá) para ensiná-lo.’ | |
| b. | $*o-có$ <i>né r-ep'ák-a</i> | c. | $*o-có$ <i>o-poracéj-ta</i> |
| | 3S-ir 2O R ² -ver-GER | | 3S-ir 3S-dançar-GER |
| | ‘Ele foi (lá) para te ver.’ | | ‘Ele foi (lá) para dançar.’ |

Para explicar o alomorfe $*-áβo$, Schleicher (1998:144) e, independentemente, Rodrigues e Cabral (2005), sugeriram que se tratava da combinação do morfema nominalizador circunstancial $*aβ$ com o marcador de locativo difuso $-βo$ ($*aβ-βo > *aβo$ ‘no ato de...’), com a sílaba final $*βo$, não acentuada, perdendo-se no caso de verbos terminados por consoante, que conservam o acento na última sílaba da raiz (13b). Mas que dizer do alomorfe $*-ta$? O segmento $*T$, reconstruído nas seções anteriores, permite-nos propor uma resposta a essa pergunta: $*-ta$ proviria de $*-Taβo$,¹⁵ o qual, pela regra $*jT > \text{PTG } *t$ em (9), mudaria para $*-ta(βo)$ após raízes terminadas em j (com a sílaba final $*βo$ se perdendo, como no caso do alomorfe $*-áβo$).¹⁶ Nos demais casos, atuaria a regra $*T > \text{PTG } *∅$ em interior de palavra, gerando $*-a$ e $*-áβo$.

¹⁴ O $-á$ inicial do alomorfe $-áβo$ foi absorvido pela vogal final da raiz em (13a), de acordo com regras morfofonológicas regulares (Jensen 1998:609-611, regras 7, 10, 11, 12). Com vogais finais altas, porém, ele se preserva, enquanto que as vogais finais se tornam aproximantes: p. ex., *o-manōgatu-áβo* ([...twáβo]) ‘ele morrendo mesmo’ em Tupinambá (Rodrigues e Cabral 2005:49).

¹⁵ Há razões para não se reconstruir um $*β$ em PMAG; mas como isso não é relevante para o problema em questão, mantemos o $*β$ do PTG no sufixo $*-Taβo$ do PMAG e remetemos o leitor interessado ao trabalho de Drude e Meira (em preparação).

¹⁶ A perda do $*βo$ final nesses dois casos, mas não com raízes terminadas em vogais, sugere que o sufixo $*-Táβo$ não era realmente acentuado: $*-Taβo$.

Se é realmente verdade que o sufixo de gerúndio começava por **T*, como explicar a ausência do reflexo **c* nos casos das raízes terminadas na vogal *i*? Rodrigues e Cabral (2005:55) citam como exemplo **apití* ‘matar’ + **-áβo* => **apitjáβo* ‘matando-o’. Uma explicação possível é o acento: em *apití*, a vogal final é acentuada. Ora, nos casos em que vimos **iT* > PTG **c*, a vogal *i*, não sendo final, nunca era acentuada; donde podemos concluir que a regra **iT* > PTG **c* vale apenas para **i*'s não acentuados. Consequentemente, a evolução da forma de gerúndio de **apití* em PTG teria sido: **apití* + **-Táβo* > **apití-áβo* > **apitjáβo*.

Passando ao sufixo de gerúndio em Awetí, onde valem as regras **jT*, **iT*, **T* inicial > *t*, senão **T* > \emptyset , esperar-se-ia o mesmo padrão, com *t* após raízes terminadas em *j* e \emptyset nos demais casos. De fato, o sufixo cognato, *-aw* / *-taw*, ocorre como *-taw* em raízes terminadas em *j* (14e-f), e como *-aw* nos demais casos (14a-d); caso a raiz termine em vogal, esta é frequentemente absorvida (14d). Note-se que a consoante final da raiz verbal permanece em sua forma *fortis* (“*Vor -aw bleibt der konsonantische Auslaut des Stammes ‘hart’*”; Drude 2004:17), o que é incomum para sufixos começados por vogais, com os quais, em geral, a consoante final da raiz se enfraquece, aparecendo em sua forma *lenis* (como acontece também em Tupí-Guaraní). De fato, se a consoante final é nasal, esta é fortalecida com uma excrescência oral (14g-i).

(14) Alomorfa do sufixo de gerúndio em Awetí (Drude 2004).

- | | | | | | |
|----|-------------|-----------------|----|-------------------|---|
| a. | <i>tap</i> | ‘cortar, picar’ | => | <i>i-tap-aw</i> | ‘para me cortar (no dedo); cortando-me’ |
| b. | <i>tak</i> | ‘chorar’ | => | <i>i-tak-aw</i> | ‘para eu chorar; eu chorando’ |
| c. | <i>ikat</i> | ‘procurar’ | => | <i>n-ikat-aw</i> | ‘para procurá-lo; procurando-o’ |
| d. | <i>jupã</i> | ‘bater’ | => | <i>nã-jup-ãw</i> | ‘para bater nele; batendo nele’ |
| e. | <i>taj</i> | ‘zombar’ | => | <i>i-taj-taw</i> | ‘para zombar de mim; zombando de mim’ |
| f. | <i>jõj</i> | ‘chamar’ | => | <i>i-jõj-taw</i> | ‘para chamar-me; chamando-me’ |
| g. | <i>tem</i> | ‘sair’ | => | <i>i-temp-aw</i> | ‘para eu sair; eu saindo’ |
| h. | <i>tan</i> | ‘pintar’ | => | <i>i-tant-aw</i> | ‘para me pintar; pintando-me’ |
| i. | <i>taŋ</i> | ‘colocar’ | => | <i>nã-taŋk-aw</i> | ‘para colocá-lo; colocando-o’ |

Estes fatos tornam-se compreensíveis à luz da hipótese de que este sufixo tinha, de fato, uma consoante inicial **T*, responsável pelo não-enfraquecimento das consoantes orais finais (**...p-Taβo*, **...t-Taβo*, **...k-Taβo* > Awetí *...p-aw*, *...t-aw*, *...k-aw*) e pelo fortalecimento das nasais finais (**...m-Taβo*, **...n-Taβo*, **...ŋ-Taβo* > Awetí *...mp-aw*, *...nt-aw*, *...ŋk-aw*). Com raízes terminadas por vogal, como esperado, ocorre **T* > \emptyset , o que permite a interação da vogal final da raiz com o *a* do sufixo.

Também em Tupí-Guaraní encontramos sinais de efeitos inesperados do sufixo **-Taβo* no segmento final das raízes nas quais ocorre. Jensen (1998:580, nota 20) menciona que “*when a final β in the stem is followed by a serial verb suffix [...] it becomes p*”. Por exemplo, em Tupinambá, *k^wáβ* ‘saber’ torna-se *k^wáp-a* (Jensen 1998:530, ex. 215). Jensen não considera essa mudança como regular, uma vez que não a menciona em nenhuma das suas 19 regras morfofonológicas regulares (1998:607-613); note-se também que, com outros morfemas iniciados por vogal, o *β* final de *k^wáβ* não se modifica: p.ex, com *eté* ‘verdadeiro’, *k^wáβ-eté* ‘saber verdadeiramente, saber muito’, citado por Rodrigues (2010:19). Se, como Jensen parece sugerir, esta mudança também houver existido em PTG, ela poderia ser explicada através de uma regra extra para descrever o desenvolvimento do grupo consonantal formado nesses casos: **βT* > PTG **p*. Seguindo esta regra, teríamos **k^waβ-Ta(βo)* > **k^waβTa* > PTG **k^wapa* > Tupinambá *k^wapa*.

Uma outra mudança morfofonológica inesperada causada pelo sufixo de gerúndio em Tupinambá é a perda de *r* final: raízes terminadas em *r* perdiam esta consoante, e recebiam um alomorfe \emptyset do prefixo de gerúndio. Por exemplo: *pór* ‘saltar’ + *-á(βo)* => *pó* (Rodrigues 2010:37), *potar* ‘querer’ + *-á(βo)* => *potá* (Barbosa 1956:160). Jensen (1998) não menciona esta mudança, de modo que não se sabe se ela já existia em PTG ou é apenas uma especificidade do Tupinambá. Caso ela tenha existido em PTG, a explicação seria análoga à do caso anterior: $*r-T > \emptyset$, uma regra segundo a qual tanto o $*T$ (esperado) quanto o $*r$ (inesperado) caem em um grupo consonantal $*rT$.¹⁷

Em Mawé, não parece haver reflexos do sufixo de gerúndio: Pereira da Silva (2010) não menciona nenhuma construção gerundiva. De fato, a palavra “gerúndio” não é usada nenhuma vez em toda a sua descrição da morfossintaxe Mawé. Franceschini (1999) tampouco menciona construções de gerúndio.

2.3.4. Os morfemas nominalizadores de agente e de circunstância

Há dois outros morfemas com alomorfias semelhantes à do sufixo de gerúndio: o nominalizador de agente (PTG $*-ár$, Aweti *-at*, Mawé *hat*) e o de circunstância (PTG $*-áβ$, Aweti *-ap*, Mawé *hap*). Em PTG, Jensen reconstrói os seguintes alomorfes:

(15) Alomorfia dos nominalizadores de agente e circunstância em PTG (Jensen 1998:540).

<u>agente</u>			
C_ / $*-ár$	a.	$*ep'ák$ ‘ver’	=> $*oré r-ep'ák-ár$ ‘aquele que nos vê’
V_ / $*-cár$	b.	$*juká$ ‘matar’	=> $*i-juká-cár$ ‘aquele que o mata’
j_ / $*-tár$	c.	$*p^wáj$ ‘mandar’	=> $*i-p^wáj-tár$ ‘aquele que o manda’
<u>circunstância</u>			
C_ / $*-áβ$	a.	$*ep'ák$ ‘ver’	=> $*oré r-ep'ák-áβ$ ‘onde, quando nos viu’
V_ / $*-cáβ$	b.	$*juká$ ‘matar’	=> $*i-juká-cáβ$ ‘onde, quando o matou’
j_ / $*-táβ$	c.	$*p^wáj$ ‘mandar’	=> $*i-p^wáj-táβ$ ‘onde, quando o mandou’

Em Awetí, *-at* e *-ap* têm, segundo Drude (2004), o mesmo padrão de alomorfia que o sufixo de gerúndio *-aw*, discutido na seção anterior, inclusive o efeito de impedir o ‘enfraquecimento’ da consoante final da raiz na qual ocorre. Em Mawé, *hap* e *hat* mantêm sua consoante inicial *h* em todos os contextos; trata-se, porém, de partículas clíticas, não de sufixos, ao contrário de seus cognatos em Awetí e PTG.

O padrão alomórfico de $*-áβ$ e $*-ár$ em PTG é bastante semelhante ao do sufixo de gerúndio: em ambos os casos, o sufixo ocorre sem alterações em raízes terminadas em consoante, mas com um $*t$ adicional em raízes terminadas na semivogal *j*. Isto sugere imediatamente a presença de um $*T$ inicial: $*Táβ$ e $*Tár$ (< $*Tap$ e $*Tat$). O fato de os reflexos Awetí terem exatamente a mesma distribuição e os mesmos efeitos que o sufixo de gerúndio *-aw* torna esta hipótese ainda mais atraente. Mas como explicar os alomorfes $*-cáβ$ e $*-cár$? Examinando-se os reflexos destes alomorfes em Tupinambá e em Guaraní antigo, chega-se à conclusão de que a reconstrução de Jensen é provavelmente simples demais. Nestas duas línguas, há frequentemente dois alomorfes, usados, aparentemente em variação livre, com raízes que terminam em vogal.

Sobre o “particípio (*s*)ara” (= $-(s)ar-a$ < $*-cár-a$) em Tupinambá, Barbosa (1956:260-261) escreve: “Se [a raiz] termina em vogal oral ou nasal, ou em ditongo

¹⁷ Não está claro por que a sílaba final de $*Taβo$, postulada por Schleicher e por Rodrigues e Cabral, não se conserva neste caso, à primeira vista idêntico ao das raízes terminadas em vogal; compare-se com (13a).

acabado em *û* [= w], sara não sofre alteração: *kytĩ* ‘cortar’, *kytĩ-sara* ‘o que corta’; *mo-ngaraũ* ‘desconjuntar’, *mo-ngaraũ-sara* ‘desconjuntador’. Mas pode também perder o *s*, caso o verbo não acabe em *a*. O *i*, *u* e *y* finais passam para *î* [= j], *û* [= w] e *ÿ* [= y semivogal]: *mo-ngaraũ*, *mo-ngaraũ-sara* ou *mo-ngaraũ-ara*; *aby* ‘errar’, *aby-sara* ou *abÿ-ara*. Se o verbo termina em *r*, cai o *r*: *potar* ‘querer’, *potá*’-sara ‘o que quer’. Pode também cair o *s* de sara, contanto que a última vogal do verbo não seja *a*. Mas é pouco comum: *mo-mbor* ‘atirar’, *mo-mbo*’-sara ou *mo-mbo*’-ara ‘atirador’, mas *potar* ‘querer’, *potá*’-sara (nunca *potá*’-ara). Os mesmos verbos terminados em *r* podem manter êsse *r*, em vez de *s* [do sufixo -sar-a], no passado e no futuro [i.e., com os sufixos de passado e futuro nominal]: passado, *mo-mbó*’-sar-ûera ou *mo-mbó*’-ar-ûera ou *mo-mbor-ar-ûera*; *potá*’-sar-ûera. Muitos verbos terminados em vogal tônica, não precedida de consoante, perdem essa vogal, e acrescentam *gûara* [= *wara*]: [...] *soó* ‘convidar’, *sogû-ara*; *ú* ‘comer’, *gû-ara*; *suú* ‘morder’, *su-gûara*.” Sobre o “participio (s)aba (= -(s)aβ-a < *-cáβ-a), Barbosa (1956:280) diz simplesmente que ele “segue as mesmas regras fonéticas que sara” e dá uma lista de exemplos idênticos aos de -sar-a, acrescentado então: “Mas (s)aba pode perder o *s* depois de qualquer vogal; depois de *a* e de *e*, pode perder toda a sílaba *sa*: *aby-saba* ou *abÿ-aba*, *îuká-saba* ou *îuká*’-ba. [...] *sykyîé-saba*, *sykyîé*’-ba ou *sykyî*’-aba.”

Uma variação semelhante entre formas com e sem a consoante inicial também parece ter existido em Guaraní antigo. Restivo (1724:104) menciona, para “el participio Hara”, os casos seguintes: “Ayepeé ‘calentarse’, *yepeéguara* / *yepeehara*”; “Aico ‘estar’ *haze teco hara*, *vel*, *tequara*”; “Areco ‘tener’, *terecohara* / *terequara*”. Restivo não dá exemplos para o “participio” *haba* (< -*haβ-a* < *-*cáβ-a*), mas menciona que as formas são “como se dixo del participio hara” (1724:116-117).¹⁸

Vemos, nesses casos, variação aparentemente livre (os dois autores geralmente mencionam fatos dialetais como tais, e não o fizeram para os exemplos citados acima) entre alomorfes com consoante inicial, -sar-a, -saβ-a (Tupinambá) e -har-a, -haβ-a (Guaraní antigo), e alomorfes sem consoante inicial, -ar-a, -aβ-a. Pressupondo-se que essa variação não seja específica a essas duas línguas, mas provenha do PTG (neste ponto, mais pesquisa comparativa é necessária), pode-se observar que, pelas regras em (9), o reflexo esperado de **T* em PTG em ambiente intervocálico é *∅, o que corresponderia aos alomorfes -ar-, -aβ que encontramos em Tupinambá e em Guaraní antigo. Em outras palavras, *-ar e *-aβ, que de fato ocorrem, são precisamente as formas preditas para o PTG. Mas, e quanto às formas começadas por *s* (< **c*)? Na discussão sobre as classes de raízes em Tupí-Guaraní (Seç. 2.2 acima), propôs-se a regra **iT* > PTG **c*; esta regra explicaria os alomorfes com **c* inicial se supusermos que estes eram, não sufixos, mas raízes flexionáveis que podiam tomar o prefixo **i*-. Em outras palavras: a variação em Tupinambá e Guaraní antigo sugere uma variação, em PTG e pré-PTG, entre formas independentes, talvez clíticas, **i-Tap*, **i-Tat* (> *-cáβ, *-cár), e formas clíticas, talvez já sufixais, *-Tap, *-Tat (> *-áβ, *-ár).

Em apoio à hipótese de formas flexionadas **i-Tap*, **i-Tar* em Pré-PTG, mencionem-se:

(i) os cognatos Mawé *hat* e *hap*, que são, de fato, clíticos independentes, e têm exatamente a forma esperada como reflexos de **i-Tap*, **i-Tat*: pelas regras em (9), **iT* > Mawé *h*;

¹⁸ Casos específicos de variação podem ser encontrados nas línguas Tupí-Guaraní modernas: em Asuriní do Tocantins, Cabral e Rodrigues (2003:102) citam as formas *kehap* e *ketap* ‘lugar de dormir’, de *ket* ‘dormir’ e -*ap*.

(ii) alguma evidência em Guaraní antigo para um *status* independente (ou clítico) de *-har-a* (< **-cáβ-a*): Restivo (1724:105) escreve que a negação de um verbo com este sufixo é feita com uma partícula *eỹ* que pode ser posicionada tanto antes quanto depois de *-har-a*: “haihu-eỹ-hara / haihup-ar-eỹ”. Note-se, neste exemplo, que a consoante final *p* (perdida em fim de palavra nas línguas Guaraní) reaparece quando *-har* lhe é adjacente, o que lembra as formas *fortes* das consoantes finais que o sufixo de gerúndio **-Taβo* fazia aparecer (**βT* > **p*), e desaparece quando *-har* não lhe é adjacente; além disso, a consoante inicial de *-har* é mantida quando este é separado da raiz verbal por *eỹ*, i.e., quando ele é mais claramente independente (< **i-Tat*), e some quando adjacente à raiz verbal (< **-Tat*).¹⁹

Um fato adicional a favor da existência das formas flexionadas **i-Tap*, **i-Tar* provém de uma língua externa ao grupo Mawetí-Guaraní: o Mundurukú. Segundo Crofts (2004[1985]:210-211), os nominalizadores de agente e circunstância, *-át* e *-áp* (p.ex., *idíp* ‘bonito’, *idíp-át* ‘pessoa bonita’, *idíp-áp* ‘beleza’; *adzém* ‘chegar’, *adzém-át* ‘o que vai chegar’) tomam a forma *iát*, *iáp* quando o verbo estiver marcado para tempo, aspecto ou pessoa (*o’-jáóka* ‘ele o matou’, *o’-jáóka-iát* ‘aquele que o matou’). Note-se, além disso, que *-iát*, mas não *-at*, parece ser capaz de nominalizar uma oração completa (*kapásá dapsém o’-jáóka-iát* ‘aquele que matou veado [*dapsém*] ontem [*kapásá*]), o que faz pensar em *iát* como clítico ao invés de sufixo. O paralelismo entre *i-át* e **i-Tat* é bastante claro: ambos parecem possuir um *i-* inicial que sugere um prefixo de terceira pessoa em uma raiz originalmente independente e flexional.

3. Discussão e conclusões

3.1. Sumário da hipótese proposta

Com base nos argumentos apresentados nas seções precedentes, propõe-se que, em (pré-) PMAG, havia um fonema segmental **T* que evoluiu nos três subramos da seguinte maneira:²⁰

¹⁹ É interessante notar que o sufixo de gerúndio e os dois nominalizadores, de agente e de circunstância, reconstruem-se com formas muito semelhantes: **-Ta(βo)*, **-Tap*, **-Tat*. Já mencionamos a hipótese de Rodrigues e Cabral, segundo a qual **-Taβo* seria a forma locativa difusa (**-βo*) do sufixo nominalizador de circunstância (**-Tap*). Considerando-se, contudo, a semelhança na sílaba inicial destas três formas, poder-se-ia imaginar a hipótese contrária: **-Tap* e **-Tat* proviriam de **-Ta(βo)*, talvez inicialmente **-Ta*, com o acréscimo dos elementos **-p* e **-t*. Ora, *-p* é encontrado em outras línguas da família Tupí, funcionando como um nominalizador de circunstância (por exemplo, em Gavião de Rondônia, língua do subramo Mondé). Quando ao **-t*, note-se que há outros nominalizadores em PTG que terminam com **-r* (< **-t*) e que se referem a indivíduos, como **-pýr* ‘paciente’, **-cwár*, **-nwár* ‘nominalizador de advérbios’, e talvez **-cwér* ‘propenso a’. Schleicher (1998:148-150) fez propostas semelhantes; Drude (2011:200) menciona também *t* e *p* em Awetí. Parece-nos que esta ideia merece ser estudada em maior profundidade.

²⁰ Para o Mawé, há também regras adicionais (por exemplo, **T* > *n* diante de vogal nasal, o que explica alternâncias como *u-hãï* ‘meu dente’, *e-nãï* ‘teu dente’, *hãï* ‘dente dele’ em Mawé a partir de PMAG **Tãï*). Há também um padrão de alternância entre *h* e \emptyset , encontrado sobretudo em raízes que tomam um prefixo de posse alienável *he-*, similar ao *e-* tomado pelas raízes da classe IID em PTG, e alguns termos irregulares como *eha* ‘olho’, os quais aparentemente tinham uma consoante inicial diferente de **T* em PMAG. Como, porém, o presente artigo concentra-se nos reflexos em PTG e sua interpretação como “prefixos relacionais”, a situação interna do Mawé não será examinada em detalhe; esta será objeto de um futuro artigo (em preparação) sobre alternâncias em início de raiz na família Tupí como um todo.

PMAG		Mawé	Awetí	PTG	
<i>*iT</i>	>	<i>h</i>	<i>t</i>	<i>*c</i>	adicionalmente,
<i>*jT</i>	>	<i>h</i>	<i>t</i>	<i>*t</i>	<i>*βT</i> > PTG <i>*p</i>
[<i>*T...</i>]	>	<i>s</i>	<i>t</i>	<i>*t</i>	<i>*rT</i> > PTG <i>*∅</i>
[<i>*SN T...</i>]	>	<i>s</i>	<i>t</i>	<i>*r</i>	<i>*(p, t, k)T</i> > Awetí <i>p, t, k</i> , sem lenição
senão <i>*T</i>	>	<i>s</i>	<i>∅</i>	<i>*∅</i>	<i>*(m, n, η)T</i> > Awetí <i>mp, nt, ηk</i> (fortalecimento)

Esta hipótese explicaria, como resultado da evolução do segmento **T*:

- o paralelismo, sem motivação aparente, entre os padrões encontrados em Mawé nos dois paradigmas de pessoa ilustrados nas Tabelas 2 e 3;
- a existência dos “prefixos” relacionais R^1 , R^2 e R^4 em PTG, ilustrados na Tabela 1;
- a ausência da consoante inicial em raízes da classe II em palavras compostas;
- a alomorfa irregular (**wi-* / **wit-*) do prefixo correferencial de primeira pessoa em PTG e dos prefixo de primeira e terceira pessoa, *it-* e *t-*, em Awetí;
- as correspondências encontradas em conjuntos de cognatos como os da Tabela 10;
- a alomorfa surpreendente do sufixo de gerúndio, cuja forma básica em PMAG tinha um **T* inicial, e sua influência na consoante final da raiz precedente;
- a alomorfa igualmente surpreendente, bem como os casos de aparente variação livre, e a influência na consoante final da raiz precedente, dos sufixos nominalizadores de agente e de circunstância, derivados, em última análise, de raízes flexionais começadas por **T*.

3.2. PMAG e Pré-PMAG

Como é bem sabido, o método da reconstrução interna consiste na comparação de elementos (p.ex., alomorfes) dentro de uma mesma língua, no intuito de reconstruir a história anterior destes elementos (Campbell 2004:225). Na prática, a reconstrução histórica é frequentemente aplicada paralelamente ao método histórico-comparativo tradicional, embora, *stricto sensu*, eles devam ser aplicados sequencialmente: primeiro o método histórico-comparativo, e em seguida a reconstrução interna. Isto se deve ao fato de que o método histórico-comparativo pressupõe um momento específico no tempo, em que teria existido a protolíngua reconstruída, anterior às separações que levaram ao surgimento das línguas filhas: o que foi reconstruído deve ter existido, pelo menos, até o momento das separações. Já a reconstrução interna leva a um estado *anterior*, mas não ancorado em um momento previamente definido, da história de uma língua. Consequentemente, não é possível dizer, unicamente com base na reconstrução interna, se o segmento **T* existia no momento da separação entre o Mawé e o proto-Awetí-Guaraní, ou somente em um momento anterior a esta separação.

Comparando-se os paradigmas de posse dos três ramos da família Mawetí-Guaraní (nas Tabelas 2, 3 e 8 acima), vê-se que há alternâncias em Mawé e também em PTG; em Awetí, a ausência de alternâncias sincrônicas é devida à reanálise das raízes com **T* inicial como raízes começadas por vogal, o que implica que houve, em pré-Awetí, alternância entre *t* e *∅*. Por conseguinte, se nos limitarmos unicamente ao método histórico-comparativo, devem-se reconstruir alternâncias também para o PMAG, referindo-se aqui PMAG à língua do momento anterior à separação entre os futuros falantes de Mawé e os de Proto-Awetí-Guaraní; em um período anterior (o do “pré-PMAG”), teria ocorrido a evolução do segmento **T* que levou ao aparecimento das alternâncias. Ou seja: em pré-PMAG, não haveria alternâncias, enquanto que em PMAG, estas já existiriam, entre, digamos, quatro segmentos **T₁*, **T₂*, **T₃* e **T₄* (ou alguma outra

solução mais simples), derivadas das quatro correspondências ($h:t:*t$, $s:\emptyset:*\emptyset$, $h:t:*c$ e $s:\emptyset:*r$ encontradas nos quatro casos em (16) abaixo:

(16) Etapas que ilustram a relação temporal entre pré-PMAG e PMAG (com **Tet* ‘nome’).

	<u>pré-PMAG</u>	>	<u>PMAG</u>	>	<u>Mawé</u>	>	<u>Awetí</u>	>	<u>PTG</u>
‘1’	<i>*uj-Tet</i>	>	<i>*uj-T₁et</i>	>	<i>u-het</i>	>	<i>it-et</i>	>	<i>*wit-et</i> (<i>*wi-tet</i>)
‘2’	<i>*e-Tet</i>	>	<i>*e-T₂et</i>	>	<i>e-set</i>	>	<i>et</i>	>	<i>*e-et</i> (<i>*e-et</i>)
‘3’	<i>*i-Tet</i>	>	<i>*(i)-T₃et</i>	>	<i>het</i>	>	<i>t-et</i>	>	<i>*c-et</i> (<i>*cet</i>)
‘SN’	<i>*SN Tet</i>	>	<i>*SN T₄et</i>	>	SN <i>set</i>	>	SN <i>et</i>	>	<i>*SN r-et</i> (SN <i>*ret</i>)

De fato, é esta a situação que devemos pressupor; e há interesse em se investigar qual distância temporal teria existido entre pré-PMAG e PMAG. Note-se, por exemplo, que o Mundurukú, língua Tupí não-Mawetí-Guaraní anteriormente mencionada, apresenta alternâncias no paradigma de certas raízes (começadas por *d*), como se vê na Tabela 11. Por reconstrução interna, chega-se a um elemento **D* inicial, o qual mudaria segundo as regras **iD > t*, senão **D > d* (note-se também **i- > j-* quando seguido de vogal). Ora, entre as raízes com esta alternância, há algumas cognatas com as que começam por **T* em (pré-)PMAG (p.ex., Mundurukú *doj / toj* ‘sangue’, Mawé *huu / suu*, Awetí *uwyk*, PTG **uwy*; Mundurukú *tap / dap* ‘pêlo’, Mawé *hap / sap*, Awetí *ap*, PTG **aβ*; Mundurukú *toqjbə / doqjbə* ‘cauda’, Mawé *huwaipo / suwaipo*, Awetí *uwaj*, PTG **uwaj*), o que sugere que as alternâncias que esses elementos apresentam sejam mais antigas, remontando a um período em que o Mundurukú ainda não se teria separado do pré-PMAG. Em outras palavras, é possível que o estágio sem alternâncias (o pré-PMAG) seja na verdade anterior ao “Proto-Mundurukú-MAG”, o que recuaria o estágio sem alternâncias para um passado mais remoto na história das línguas Tupí.

Tabela 11. Paradigmas com e sem alternância em Mundurukú (Crofts 2004[1985]:82)

PESSOA	<u>ba</u> ‘braço’	<u>a’ó</u> ‘voz’	<u>daó</u> ‘perna’
1	o- ba	w- a’ó	o- daó
2	e- ba	a’ó	e- daó
3	i- ba	j- a’ó	taó
SN	SN ba	SN a’ó	daó

Esta questão, por interessante que seja, não afeta o tema central deste trabalho: a origem histórica dos “prefixos relacionais” do PTG. Estes seriam, segundo a hipótese aqui apresentada, o resultado da evolução do segmento **T* em ambientes diferentes, independentemente do período exato – PMAG, pré-PMAG, PMuMAG – em que este segmento tiver existido. Por conveniência, continuaremos usando o termo PMAG em referência ao estágio sem alternâncias.

3.3. Possível valor fonético de **T*

Com base em seus reflexos nas línguas filhas (*h*, *s*, *t*, *r* e \emptyset), **T* deve ter sido uma consoante alveopalatal (considerando-se o *h* como provável resultado da debucalização de um som anterior). Drude e Meira (em preparação) reconstroem, com base em outras correspondências, **t* e **r* para o PMAG; na área palatal oral, haveria ainda espaço livre para africadas, fricativas, ou consoantes palatalizadas.

Schleicher (1998:146), tratando de uma hipótese diferente para explicar fatos que incluem alguns dos que discutimos neste trabalho, sugeriu que um protofonema que siga a regra $*jT > t$ poderia ser naturalmente uma consoante palatalizada (t^j): a regra seria, neste caso, um exemplo de dissimilação ($*jt^j > t$). Na falta de argumentos em outras direções, esta parece uma hipótese razoável. É, pois, possível que $*T$ fosse um t palatal, $*t^j$. Parece-nos foneticamente plausível que um $*t^j$ pudesse ter-se tornado um t (dissimilação, fortalecimento inicial), um r (lenição, paralela à lenição morfofonológica do t sincronicamente observada na maioria das línguas Mawetí-Guaraní), bem como africadas como s e h (via africadas como ts ou tf , com o h sendo o resultado de debucalização, como no caso da mudança $*s > h$ em grego; compare-se latim *septem* ‘sete’, grego *ἑπτὰ* [hépta]). A queda de fricativas iniciais é também bem documentada; veja-se o h mudo em início de palavra em português e espanhol, proveniente de [h] em latim pré-clássico.

Olhando para outros ramos da família Tupí, podemos encontrar mais algumas pistas. Dois dos conjuntos de cognatos listados na Tabela 12 têm membros claros fora da família Mawetí-Guaraní. A estes, podem-se acrescentar mais alguns exemplos de palavras iniciadas por $*T$ em PMAG com cognatos bem conhecidos fora deste subramo (dados do Projeto Tupí Comparativo, Museu Paranesense Emílio Goeldi, Belém, PA).

Tabela 12. Cognatos que envolvem PMAG $*T$ e outros ramos da família Tupí (t^j = IPA [c])

Cognato	PMAG	Mundu- ruku	Kuru- aya	Maku- rap	Karo	Kari- tiana	Gavião (Mondé)	Suruí (Mondé)
tatu	<i>*TajTu</i>	<i>dajdó</i>	<i>lajlo</i>	<i>tajtu-'i</i>	<i>jajo</i>	<i>sosy</i>		
flor	<i>*poj-Tyyt</i>	<i>tit ~ dit</i>	<i>ibe-li</i>	<i>čit</i>	<i>a'-t'ñ</i>	<i>o-siit</i>	<i>t'üt</i>	<i>hó-lír-ap</i>
nome	<i>*Tet</i>	<i>-bə-tét</i>	<i>-bý-tet</i>	<i>et ~ čet</i>	<i>t'et</i>	<i>sat</i>	<i>tsét~dzét</i>	<i>lét~lét</i>
folha	<i>*Top</i>	<i>təp~dəp</i>	<i>typ~lyp</i>	<i>čEEP</i>	<i>na'-jop</i>	<i>sap</i>	<i>tsep</i>	

Evidentemente, na ausência de reconstruções intermediárias para os vários ramos, possíveis comparações são meramente especulativas. Notamos, entretanto, que mesmo fora do ramo Mawetí-Guaraní as correspondências envolvem consoantes alveopalatais, um fato já mencionado por Moore e Galucio (1994:128) com relação à consoante $*D$, por eles reconstruída para o Proto-Tupari (para a qual o valor $*d$ é tentativamente proposto em Galucio e Nogueira 2011:11-13). Curiosamente, aparecem também reflexos laterais (em Kuruaya e Suruí), em geral complexos, incluindo-se alofones como [ɬ] ou [ɰ] (este último também encontrado em Juruna, uma língua de outro ramo da família Tupí). Mais recentemente, Moore (comunicação pessoal) tem especulado que $*D$, o qual Moore tentativamente reconstrói para o Proto-Tupí, tenha tido uma pronúncia lateral, talvez exatamente [ɰ], mencionando, em apoio a esta hipótese, a observação (Demolin, comunicação pessoal) de que sons como [ɰ] costumam ter reflexos bastante variados (oclusivas, fricativas, africadas, laterais, palatais, etc.), semelhantes aos que se observam para o $*D$.

É, sem dúvida, uma especulação interessante, merecedora de maior aprofundamento. No caso da pronúncia do $*T$ em PMAG, contudo, esta provavelmente já não seria a mesma que a de um possível $*D$ (= [ɰ]?) do Proto-Tupí, pois sem dúvida já haveria passado tempo suficiente entre Proto-Tupí e PMAG para que um segmento aparentemente instável como [ɰ] mudasse suas realizações fonéticas. Parece-nos, por conseguinte, mais provável que o $*T$ do PMAG tenha tido uma pronúncia próxima à representada pelos símbolos IPA [tʰ] ou [c].

3.4. Subagrupamento do ramo Mawetí-Guaraní

Para o ramo Mawetí-Guaraní, como já foi dito no início da Seç. 2, há a hipótese de que o Awetí e o PTG formem um sub-ramo próprio, sugestão feita já por Rodrigues (1984/85) e explorada por Dietrich (1990) e Drude (2006), com argumentos adicionais fornecidos por Corrêa da Silva (2007). Às ideias contidas nesses trabalhos, poderíamos acrescentar aqui as semelhanças entre a evolução do **T* em Awetí e em PTG. Das cinco regras listadas na Seç. 3.1, nenhuma é comum ao Mawé e ao Awetí, ou ao Mawé e ao PTG, mas três são compartilhadas pelo Awetí e pelo PTG:

**jT* > Awetí, PTG *t*
**[T...]* > Awetí, PTG *t*
 senão **T* > Awetí, PTG \emptyset

Em outras palavras, o Awetí e o PTG compartilhariam a mudança de **T* a *t* em início de palavra e após a semivogal palatal *j* (vejam-se os prefixos de primeira pessoa: Awetí *it-*, PTG **wit-*), bem como a perda de **T* em interior de palavra. Considerando-se as regras adicionais descritas nas Seç. 2.3.3 e 2.3.4, vemos que o Awetí e o PTG também compartilham casos de não-lenição (**p-T*, **k-T* > *p*, *k*);²¹ no caso de **t-T*, contudo, a regra **r-T* > PTG \emptyset sugere que **t-T* > **r-T* > PTG \emptyset vs. **t-T* > Awetí *t*. (Não se pode sugerir que o Awetí e o PTG compartilhem a transformação dos elementos **Tap* e **Tat* em sufixos, já que aparentemente **Tap* e **Tat* ainda tinham características de clíticos em Tupinambá e em Guaraní antigo).

Propõe-se aqui que estas mudanças compartilhadas sejam vistas como argumentos adicionais para a existência de um ramo Awetí-Guaraní.

3.5. Os “prefixos relacionais” Tupí-Guaraní: análise diacrônica e análise sincrônica

Uma consequência importante da hipótese proposta neste trabalho é que os “prefixos” relacionais, apresentados com tanto destaque na maioria dos trabalhos descritivos sobre línguas Tupí-Guaraní, não eram, historicamente, prefixos, mas sim consoantes iniciais de raízes que evoluíram de forma diferente em ambientes fonológicos e sintáticos diferentes, uma ideia sugerida inicialmente, de forma especulativa, por Moore e Galucio (1994:124-125). Se esta hipótese estiver correta, as raízes em questão não apresentavam nenhuma alternância em PMAG: elas não diferenciavam morfologicamente a contiguidade da não-contiguidade a um determinante. Esta situação está exemplificada em (17) abaixo, onde a única marca de dependência é a presença de um SN explícito, ou de um prefixo, diante da raiz.

(17) Reconstrução dos contextos de contiguidade e não-contiguidade sintática em PMAG

a.	<i>*João Tet</i> João nome 'o nome de João'	b.	<i>*i-Tet</i> 3-nome 'o nome dele'
----	---	----	--

²¹ A regra **βT* > PTG **p* torna-se idêntica à regra de não-lenição do **p* em Awetí se supusermos que o PTG **β* em final de palavra era, de fato, **p*. Há razões para esta suposição: por exemplo, há línguas Tupí-Guaraní em que o reflexo final de **β* é, de fato, **p* (p.ex., Kamayurá *t-up* 'pai': Seki 2000:59, ex. 16). Para o Tupinambá, Barbosa (1956:176-177) cita casos de variação entre *b* (= [β]) e *p* finais: *oré r-ub* ou *oré r-up* “ó nosso pai”, *morubixáb* ou *morubixáp* “ó chefe”. É possível que a reconstrução atual do PTG com **β* em fim de palavra deva ser modificada.

Em Awetí, esta ainda é a situação vigente (ressaltando-se que o *t-* que marca a terceira pessoa em raízes começadas por vogal não é cognato do **i-* do PMAG, mas sim resultado da regra **iT > t*):

(18) Contextos de contiguidade e não-contiguidade em Aweti (Drude, dados de campo)

- | | | | |
|----|------------------|----|---------------|
| a. | <i>João et</i> | b. | <i>t-et</i> |
| | João nome | | 3-nome |
| | ‘o nome de João’ | | ‘o nome dele’ |

Em Mawé, como visto acima, em (3), há uma alternância entre *h* e *s* nesses casos, mas como estas duas consoantes alternam também em outros contextos, não se propõe uma análise relacional simples para eles.

Em PTG, contudo, a situação (como foi mostrado acima, na Tabela 1) parece mais propícia à análise relacional:

(19) Contextos de contiguidade e não-contiguidade em PTG (com base em Jensen 1998)

- | | | | |
|----|------------------|----|---------------|
| a. | <i>*João rer</i> | b. | <i>*cer</i> |
| | João nome | | 3.nome |
| | ‘o nome de João’ | | ‘o nome dele’ |

A ausência de um prefixo de terceira pessoa claramente segmentável e aplicável a um contexto simples (p.ex., diante de vogal, como no caso do Awetí) leva à ideia de que estas raízes mostram uma oposição entre dois prefixos. Além disso, a mudança no sistema de marcação de pessoa em PTG com a introdução da nova série de clíticos pronominais **čé=*, **ne=*, etc. relegou a série anterior, onde ainda haveria alternância entre uma forma **wi-tet*, na primeira pessoa, e uma forma **e-et* ~ **et* na segunda, a papéis secundários, como marcadores de correferencialidade (ainda presente, por exemplo, nas línguas do subgrupo IV, como o Tapirapé) ou de sujeito intransitivo em gerúndios (em línguas de quase todos os demais subgrupos), dos quais foram em seguida completamente eliminados (excetuando-se, em geral, o **o-* de terceira pessoa). Como houvesse, além disso, algumas raízes (classe IIc) com alternantes sem nenhuma consoante inicial (**ok* ‘casa’, na Tabela 9), a ideia de que haveria prefixos relacionais se torna ainda mais atraente.²²

Note-se, contudo, que em outra situação semelhante em línguas Tupí-Guaraní, a alternância entre *m* e *p* iniciais entre formas possuídas e não-possuídas de um subgrupo da classe I (Ib), nunca foi sugerida a análise das consoantes iniciais como prefixos independentes *m-* e *p-*, talvez porque não haja nenhum caso em que uma das alternantes é \emptyset , e porque a mudança é facilmente caracterizável como “(des)nasalização da consoante inicial”. Contribui também o fato de que o prefixo de terceira pessoa *i-* não desaparece na terceira pessoa (20b), ao contrário do que acontece na alternância *t / r / c*.

²² Rodrigues (2009:144) menciona explicitamente a importância da existência de variantes sem consoante inicial para a ideia dos prefixos relacionais: “[...] in Tupinambá and Old Guaraní, for instance, the stems -atá ‘fire’, -ãj ‘tooth’, and -uwý ‘blood’ are abstracted not only from the opposite pairs X r-atá ‘X’s fire’ / s-atá ‘his fire’, X r-ãj-a ‘X’s tooth’ / s-ãj-a ‘his tooth’, but also from compounds and derivatives where the stems occur independently of any relational prefixes, as in Tupinambá mažé-atá ‘thing that has fire’ [...], merú-ãj-a ‘toothed fly’ [...], Old Guaraní a-je-mo-uwý ‘I bleed myself’”. Para estes exemplos, sugere-se que a regra PMAG **T > PTG *∅* no interior de palavras (no caso, compostas), em contexto intervocálico, explique a ocorrência do alternante \emptyset das raízes em questão, como foi visto na Seq. 2.3.2.

(20) Exemplos de alternância entre *m* e *p* em Wayampi (Jensen 1968:500; c. é presumido)

a.	<i>karay poã</i>	b.	<i>i-poã</i>	c.	<i>moã</i>
	febre remédio		3-remédio		remédio
	‘remédio de febre’		‘remédio dele’		‘remédio (em geral)’

A análise tradicional das raízes da classe II era semelhante à análise atual das raízes da classe Ib. Em Guaraní paraguaio, elas eram tradicionalmente descritas como “raízes triformes” (*t-* / *r-* / *h-*; Canese 1983:41-42). Mesmo em estudos de cunho linguístico, como Gregores e Suárez (1967), mantinha-se a análise das várias formas de uma raiz como sendo alternantes. Cabe perguntar até que ponto a análise relacional é superior à análise de raízes alternantes: de fato, parece ser igualmente razoável propor que o “alternante *r* da raiz” ou que o “prefixo relacional *r-*” marcam o contexto de contiguidade a um determinante. A não ser que haja outros argumentos, a escolha entre estas duas análises parece depender apenas da preferência estética do proponente. (Neste sentido, parece-nos que seria mais harmonioso tratar tanto os casos de *m* / *p* quanto os de *t* / *r* / *c* da mesma maneira: seja admitindo-se prefixos *p-* e *m-*, seja admitindo-se raízes com modificação do segmento inicial também no caso dos “prefixos relacionais”.)

Em ambas as análises, contudo, permanece o fato de existir agora um contexto sintático (adjacência ao determinante) em que uma categoria de raízes agora precisa assumir uma forma específica (forma de contiguidade, com *r*), a qual não se encontra em nenhum outro contexto. Embora a mudança *[*SN T...*] > PTG *[*SN r...*] ilustre um caso de contexto condicionante sintático, semelhante a certos tipos de *sandhi* em sânscrito, a situação após a mudança parece indicar que a nova forma pode ser vista como um indicador (marcador) do contexto sintático em que se originou. Tratar-se-ia de um caso de gramaticalização de um fenômeno de início puramente fonossintático, automático.²³

Um caso semelhante que pode ser comparado com a situação em Tupí-Guaraní é o das famosas mutações iniciais das línguas celtas. Em Bretão, por exemplo, o substantivo feminino *mamm* ‘mãe’ muda a consoante inicial para *v* diante do artigo definido: *ar vamm* ‘a mãe’ (compare-se com o substantivo masculino *tad* ‘pai’, *ar tad* ‘o pai’, sem alteração). Além disso, um adjetivo como *brav* ‘bom, simpático’ também muda sua consoante inicial quando segue um substantivo feminino: *ar vamm vrav* ‘a mãe simpática’ (compare-se com *ar tad brav* ‘o pai simpático’). As mutações celtas são complexas e ocorrem em vários ambientes, com funções diferentes; neste caso, contudo, elas servem como marcas de gênero. Ora, inicialmente, estas eram meramente mudanças condicionadas fonologicamente: havia uma terminação de feminino **-a* em substantivos e adjetivos femininos, e a mutação *m, b* > *v* ocorria em contexto intervocálico. Com o subsequente desaparecimento das terminações femininas, contudo, a mutação inicial tornou-se a única marca explícita de feminino nessas construções.²⁴

²³ Moore (1984:24-29) analisa um caso paralelo de alternância entre formas nominais livres (*nouns*) e formas nominais presas (*noun stems*) como derivação morfológica: formas livres são derivadas de formas presas através da sonorização da consoante inicial. Poder-se-ia imaginar uma análise semelhante para as raízes alternantes em línguas Mawetí-Guaraní, caso em que o alternante *r* de uma raiz não seria o “marcador de um certo contexto sintático”, mas sim uma “forma presa” que só pode ocorrer em certas posições específicas dentro de certos tipos de sintagma, derivacionalmente relacionada às formas alternantes livres. Esta possibilidade não será explorada aqui; diremos apenas que também sob esta análise teria havido gramaticalização (mais especificamente, morfologização de processos de *sandhi*).

²⁴ É interessante notar que nunca se propôs, para as línguas celtas, que as consoantes iniciais fossem “prefixos femininos”, apesar do fato de que, em algumas línguas, há alguns alternantes em que a consoante inicial é perdida (p.ex., em galês, substantivos femininos começados por *g*: *gardd* ‘jardim’, *y ardd* ‘o jardim’; ou, em irlandês, substantivos femininos começados por *f*: *fuinneog* [f^wi:n^loɡ] ‘janela’, *an fhuinneog*

Jensen (1998:557) menciona possíveis análises para o “*r-*”. Ela sugere que ele possa ser (i) um segmento epentético; (ii) um elemento (morfema) gramatical; (iii) um morfema de início fonologicamente condicionado. Das três, ela prefere a opção (ii). Este trabalho propõe mais uma possibilidade: que o *r-* seja (iv) uma parte da raiz das palavras em que ocorre, que sofreu mudanças com condicionamento parcialmente fonológico e parcialmente sintático.

3.6. Questões metodológicas e tarefas futuras

O presente trabalho exemplifica a necessidade de se aplicar o método histórico-comparativo com muito cuidado em línguas onde há interações morfofonológicas complicadas. A existência da análise relacional levou muitos pesquisadores de línguas Tupí e Tupí-Guaraní a segmentarem os “prefixos relacionais” e compararem raízes sem este elemento; por esta razão, os padrões de alternância em que esses elementos se realizavam foram obscurecidos. Foi necessário comparar paradigmas completos para se poder realizar a reconstrução interna que deu início à hipótese apresentada neste trabalho. Uma simples segmentação de elementos *r-*, *t-*, *i-*, *h-* e *s-* não revelaria os padrões de um modo satisfatório, o que torna a hipótese de alternâncias iniciais praticamente invisível para o comparatista.

Além disso, apoiando-se na certeza de que a segmentação destes elementos é a única hipótese correta, o comparatista se vê levado a reconstruí-los para períodos cada vez mais distantes no tempo. De fato, Rodrigues e Dietrich (1997), e mais tarde Corrêa da Silva (2010) e Rodrigues e Cabral (2012:511), propoem a reconstrução do “prefixo *r-*” para o Proto-Tupí, com a forma $*t^2$. Entretanto, se a hipótese apresentada no presente trabalho estiver correta, já em PMAG não haveria prefixos relacionais; *a fortiori*, tampouco os haveria em Proto-Tupí.²⁵

Esta situação enfatiza claramente a necessidade de se realizarem comparações mais sistemáticas e sistêmicas entre as línguas Tupí. É crucial que se colem dados mais completos e abrangentes, incluindo paradigmas e irregularidades. Veja-se que toda a reconstrução aqui proposta para o paradigma dos prefixos correferenciais em raízes começadas por vogal em PTG se baseia em relativamente poucos dados, e em paradigmas que não são, *stricto sensu*, comparáveis, pois ocorrem em raízes nem sempre cognatas. Além disso, irregularidades não são geralmente coletadas sistematicamente; fica-se sem saber, por exemplo, se “verbos irregulares” como *eko ~ iko* em línguas Tupí-Guaraní (o qual, se a hipótese aqui apresentada estiver correta, apresenta resquícios da conjugação regular dos prefixos correferenciais em raízes começadas por vogal) existem na língua em questão, se apresentam irregularidades, e quais estas seriam.

Para que se possa testar e melhorar a hipótese aqui proposta, sugerimos que dados mais completos sobre os prefixos correferenciais e de auxiliaries posicionais e de movimento como *eko ~ iko* sejam coletados e publicados, incluindo-se paradigmas completos (“pai”, “filho”, “nome”, “cabelo”, “cabeça”, “casa”, “flecha”) com quaisquer irregularidades que estes possam apresentar (variações, flutuações, etc.), bem como mais detalhes sobre a alomorfia e irregularidades do sufixo de gerúndio e dos sufixos

[ən^wi:n'og] ‘a janela’). Este fato é provavelmente devido à relativa raridade dos casos de perda total, à existência de outras funções para as mutações celtas, bem como à facilidade de se descreverem as mutações celtas como processos de sonorização, fricativização ou, como no caso alternância entre *p* e *m* em Tupí-Guaraní, nasalização.

²⁵ Note-se, *en passant*, que a ausência de “prefixos” relacionais em Proto-Tupí impediria a comparação destes com fenômenos semelhantes em línguas das famílias Karíb (Caribe) e Macro-Jê, o que tornaria infundada a sugestão de que se trate de fenômenos cognatos (feita por Rodrigues 2009).

nominalizadores de agente e de circunstância (pense-se na variação em Tupinambá e no Guaraní antigo descrita na Seção 2.3.4). Por enquanto, é às vezes mais fácil encontrar-se material detalhado e relevante em gramáticas jesuíticas de séculos passados do que em descrições científicas modernas.²⁶

Em conclusão, oferecemos aqui um comentário sobre propostas recentes que estendem a análise de “prefixos relacionais” a outros ramos da família Tupí (p.ex., Mundurukú e Tuparí; veja-se Rodrigues 2009:141-145). A hipótese levantada neste trabalho sugere a possibilidade de que as alternâncias encontradas nestas e em outras línguas Tupí possam também resultar do efeito de ambientes morfossintáticos diferentes nas consoantes iniciais de certas raízes (veja-se a reconstrução de **D* em Proto-Tuparí, em Moore e Galucio 1994). Levando-se em conta a quantidade de fenômenos de *sandhi* em fronteira de morfema e de palavra em línguas Tupí (lenição, fortição, nasalização, etc.), poder-se-ia imaginar que todas as alternâncias encontradas nesta família, incluindo-se até mesmo a alternância entre *m* e *p*, exemplificada em (20) acima, resultem, em última análise, do efeito de determinados ambientes morfossintáticos na consoante inicial de certos tipos de raízes. Esta possibilidade intrigante deverá ser objeto de estudos futuros.

Bibliografia

- Almeida, Antônio, Irmãzinhas de Jesus e Luíz G. de Paula. 1983. *A Língua Tapirapé*. Rio de Janeiro, RJ: Xerox. [\[EtnoLink\]](#)
- Anttila, Raimo. 1989. *Historical and comparative linguistics*. Série: Current issues in linguistic theory, vol. 6. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing Co.
- Barbosa, A. Lemos. 1956. *Curso de Tupi Antigo: Gramática, Exercícios, Textos*. Rio de Janeiro, RJ: Livraria São José. [\[EtnoLink\]](#)
- Cabral, Ana Suely A. C., e Aryon Dall’Igna Rodrigues. 2003. *Dicionário Asuriní do Tocantins – Português*. Belém, Brasília: Universidade Federal do Pará, Universidade de Brasília.
- Campbell, Lyle. 2004. *Historical linguistics: an introduction*. Edinburgh, Cambridge (MA): Edinburgh University Press e MIT Press.
- Canese, Natalia Krivoshein de. 1983. *Gramática de la lengua guaraní*. Asunción: Colección Ñemity.
- Cabral, Ana Suely A. C. 2001. Algumas observações sobre a história do morfema *-a* da família Tupí-Guaraní. *Des noms et des verbes en tupi-guarani*, ed. por F. Queixalos, p. 133-162. LINCOS Studies in Native American Linguistics, vol. 37. Munique: LINCOS Europa.
- Corrêa da Silva, Beatriz Carretta. 2007. Mais fundamentos para a hipótese de Rodrigues (1984/1985) de um Proto-Awetí-Tupí-Guaraní. *Línguas e Culturas Tupí*, vol. I, org. por A. D. Rodrigues e A. S. Cabral. Brasília e Campinas, SP: LALI/Universidade de Brasília e Curt Nimuendaju
- Corrêa da Silva, Beatriz Carretta. 2010. *Mawé/Awetí/Tupí-Guaraní: relações linguísticas e implicações históricas*. Tese de doutorado. Brasília: Universidade de Brasília. [\[EtnoLink\]](#)

²⁶ Um outro morfema merecedor de atenção especial pelas suas semelhanças aos sufixos já mencionados é o marcador de “caso translativo” (Rodrigues) ou “caso atributivo” (Jensen) **-ramo* / **-amo*, e o seu provável parente, *-amo* / *-ramo* ou *-eme* / *-reme* (Jensen: **-VmV*, **-rVmV*) que marca orações subordinadas temporais e condicionais (“quando”, “se”). A alternância entre formas com e sem *r* inicial é suspeita. O mesmo vale para o sufixo de posterioridade (“depois de”) **-re*, **-ire*, **-rire* (Jensen 1998: 528).

- Crofts, Marjorie. 2004[1985]. *Aspectos da língua Munduruku*. Cuiabá, MT: Sociedade Internacional de Linguística (SIL).
- Dietrich, Wolf. 1990. *More evidence for an internal classification of Tupí-Guaraní languages*. Indiana Beiheft 12. Berlin: Gebr. Mann.
- Drude, Sebastian. 2004. *Tempus, Aspekt und Modus im Aweti*. Manuscrito usado em uma série de três apresentações. *Forum Integrative Sprachwissenschaft*, Freie Universität Berlin.
- Drude, Sebastian. 2006. On the position of the Aweti language in the Tupi family. *Guaraní y 'Mawetí-Tupí-Guaraní': estudios históricos y descriptivos sobre una familia lingüística de America del Sur*, ed. por W. Dietrich, p. 11-45. Münster, etc.: Lit Verlag.
- Drude, Sebastian. 2011. Nominalization as a possible source for subordination in Awetí. *Amérindia*, no. 35, pp. 187-216. [\[EtnoLink\]](#)
- Drude, Sebastian e Sérgio Meira. Ms (em preparação). *A reconstruction of Proto-Mawetí-Guaraní*.
- Duarte, Fábio Bonfim. 2003. *Ordem de constituintes e movimento em Tembê: minimalismo e anti-simetria*. Tese de doutorado. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais. [\[EtnoLink\]](#)
- Duarte, Fábio Bonfim. 2007. *Estudos de Morfossintaxe Tenetehára*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.
- Ferreira da Silva, Gino. 2003. *Construindo um dicionário Parakanã-Português*. Dissertação de mestrado. Belém, PA: Universidade Federal do Pará. [\[EtnoLink\]](#)
- Franceschini, Dulce. 1999. *La langue sateré-mawé: description et analyse morphosyntaxique*. Tese de doutorado. Paris: Universidade de Paris VII (Denis Diderot). [\[EtnoLink\]](#)
- Galucio, Ana Vilacy e Antonia Fernanda Nogueira. 2011. Comparative study of the Tupari branch of the Tupi family: contributions to understanding its historical development and internal classification. *Memorias del V Congreso de Idiomas Indígenas de Latinoamérica, 6-8 de octubre de 2011*. Austin, TX: University of Texas. [\[EtnoLink\]](#)
- Gildea, Spike. 2002. Pre-Proto-Tupí-Guaraní main clause person-marking. *Atas do I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da ANPOLL*, Tomo I, org. por A. S. Cabral e A. D. Rodrigues, p. 315-326. Belém, PA: Editora Universitária UFPA.
- Gregores, Emma e Jorge A. Suárez. 1967. *A description of colloquial Guarani*. *Janua Linguarum, Série Practica*, vol. 27. The Hague, Paris: Mouton & Co.
- Hock, Hans H. 1991 (2a. edição). *Principles of Historical Linguistics*. Série Mouton Textbooks. Berlin, New York, Amsterdam: Mouton de Gruyter.
- Jensen, Cheryl. 1984. *O desenvolvimento histórico da língua Wayampi*. Dissertação de mestrado. Campinas, SP: Universidade de Campinas.
- Jensen, Cheryl. 1998. Comparative Tupí-Guaraní morphosyntax. *Handbook of Amazonian Languages*, vol. 4, ed. por D. C. Derbyshire e G. K. Pullum, p. 487-618. Brasília: Summer Institute of Linguistics.
- Leite, Yonne de Freitas. 2012. Para uma tipologia ativa do Tapirapé. Os clíticos referenciais de pessoa. *Línguas indígenas: memórias de uma pesquisa infinda*, Bruna Franchetto e Thiago Coutinho-Silva (org.), pp. 134-153.
- Magalhães, Marina Maria Silva. 2007. *Sobre a morfologia e sintaxe de língua Guajá (família Tupí-Guaraní)*. Tese de doutorado. Brasília: Universidade de Brasília. [\[EtnoLink\]](#)

- Meira, Sérgio. 2006. Stative verbs vs. nouns in Sateré-Mawé and the Tupian family. *What's in a verb? Studies in the verbal morphology of the languages of the Americas*, ed. por G. Rowicka e E. Carlin, p. 189-214. LOT Occasional Series. Utrecht, The Netherlands: LOT
- Meira, Sérgio, Spike Gildea, e Berend Hoff. 2010. On the origin of ablaut in the Cariban family. *International Journal of American Linguistics*, vol. 76, no. 4, pp. 477-515.
- Mello, Antônio Augusto Souza. 2000. *Estudo histórico da família lingüística Tupí-Guaraní: aspectos fonológicos e lexicais*. Tese de doutorado. Florianópolis, SC: Universidade Federal de Santa Catarina. [\[EtnoLink\]](#)
- Moore, Denny. 1984. *Syntax of the language of the Gavião Indians of Rondônia, Brazil*. Tese de doutorado. Nova Iorque: City University of New York. [\[EtnoLink\]](#)
- Moore, Denny, e Ana Vilacy Galucio. 1994. Reconstruction of Proto-Tupari consonants and vowels. *Proceedings of the Meeting of the Society for the Study of the Indigenous Languages of the Americas, July 2-4, 1993, and the Hokan-Penutian Workshop, July 3, 1993*, ed. por M. Langdon, p. 119-137. Berkeley, CA: Suvery of California and other Indian languages, report n. 8.
- Nicholson, Velda. 1978. *Aspectos da língua Assurini*. Brasília: Summer Institute of Linguistics (SIL).
- Pereira da Silva, Raynice Geraldine. 2010. *Estudo morfossintático da língua Sateré-Mawé*. Tese de doutorado. Campinas, SP: Universidade de Campinas. [\[EtnoLink\]](#)
- Praça, Walkíria Neiva. 2007. *Morfossintaxe da língua Tapirapé*. Tese de doutorado. Brasília: Universidade de Brasília. [\[EtnoLink\]](#)
- Restivo, Paulo. 1724. *Arte de la lengua guarani, por el P. Antonio Ruiz de Montoya de la Compañia de Jesus, con los escolios, anotaciones y apendices del P. Paulo Restivo*. [\[EtnoLink\]](#)
- Rodrigues, Aryon Dall'Igna. 1958. Classification of Tupi-Guarani. *International Journal of American Linguistics*, vol. 24, pp. 231-234.
- Rodrigues, Aryon Dall'Igna. 1984/85. Relações internas na família linguística Tupi-Guaraní. *Revista de Antropologia*, vol. 27/28. São Paulo: Universidade de São Paulo. [\[EtnoLink\]](#)
- Rodrigues, Aryon Dall'Igna. 1985. Evidence for Tupi-Carib Relationships. *South American Indian languages: retrospect and prospect*, ed. por H. E. M. Klein e L. R. Stark, pp. 371-404. Austin, USA: Universtiy of Texas Press. [\[EtnoLink\]](#)
- Rodrigues, Aryon Dall'Igna. 1996. Argumento e predicado em Tupinambá. *Boletim da Associação Brasileira de Linguística*, 19:6-18. Maceió: Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN). [\[EtnoLink\]](#)
- Rodrigues, Aryon Dall'Igna. 2009. A case of affinity among Tupí, Karíb, and Macro-Jê. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, vol. 1, n. 1, pp. 137-162.
- Rodrigues, Aryon Dall'Igna. 2010. Estrutura do Tupinambá. *Línguas e culturas Tupí*, vol. 2, org. por A. S. Cabral, A. D. Rodrigues e F. B. Duarte, p. 11-42. Brasília e Campinas, SP: LALI/Universidade de Brasília e Curt Nimuendaju
- Rodrigues, Aryon Dall'Igna e Ana Suelly A. C. Cabral. 2002. Revendo a classificação interna da família Tupí-Guaraní. *Atas do I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da ANPOLL*, Tomo I, org. por A. S. Cabral e A. D. Rodrigues, p. 327-337. Belém, PA: Editora Universitária UFPA.
- Rodrigues, Aryon Dall'Igna e Ana Suelly A. C. Cabral. 2005. O desenvolvimento do gerúndio e do subjuntivo em Tupí-Guaraní. *Novos estudos sobre línguas indígenas*, org. por A. D. Rodrigues e A. S. Cabral, p. 47-58.

- Rodrigues, Aryon Dall'Igna e Ana Suely A. C. Cabral. 2012. Tupían. *The indigenous languages of South America: a comprehensive guide*, ed. por L. Campbell e V. Grondona, pp. 495-574. Série *The World of Linguistics*, vol. 2. Berlin, Boston: De Gruyter Mouton.
- Rodrigues, Aryon Dall'Igna e Wolf Dietrich. 1997. On the linguistic relationship between Mawé and Tupí-Guaraní. *Diachronica* 14, vol. 2, pp. 265-304.
- Schleicher, Charles Owen. 1998. *Comparative and internal reconstruction of the Tupi-Guarani language family*. Tese de doutorado. Madison, WI: University of Wisconsin.^[EtnoLink]

Submetido em 28 de abril de 2013

Aprovado em 10 de maio de 2013

Publicado em 20 de maio de 2013